



RELATÓRIO DE AÇÕES
E CONTRIBUIÇÕES
À SOCIEDADE
BDMG CULTURAL 2021



Relatório de ações e contribuições à sociedade 2021

Este relatório trata das ações e contribuições do BDMG Cultural à sociedade em 2021. Criado em 1988, o BDMG Cultural é uma organização sem fins lucrativos, que se dedica a registrar, incentivar e divulgar a arte e a cultura feita em Minas Gerais.

Junto a seu mantenedor, o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), entende a cultura de maneira expandida e conectada com o desenvolvimento, relacionada à produção de conhecimento, à formação simbólica, à inventividade, à inovação e a diversos setores produtivos da sociedade.

Acredita na arte e na cultura descentralizadas, em rede, abertas e sensíveis às ações humanas que acontecem em todos os lugares e precisam ser visibilizadas. Realiza e apoia projetos que privilegiam a pesquisa e a criação artística, a formação e o fomento à cadeia produtiva da cultura.

Atua a partir de parcerias múltiplas com artistas, produtores e outras instituições, para construir experiências culturais de interesse público duradouras e transformadoras.

WWW.BDMGCULTURAL.MG.GOV.BR

BDMG'CULTURAL

PG07 **Perseguir o acontecido**
Fabular futuros necessários

PG20 **Teoria de Mudança**

PG26 **Retrospectiva 2019-2020**

PG28 **2021 em números**

PG40 **Confluência de Ações**

PG43 **Programas e projetos desenvolvidos**

PG153 **Projetos patrocinados**

PG165 **Onde essas águas vão desaguar?**



Perseguir o acontecido Fabular futuros necessários

Chegamos ao fim do terceiro ano de gestão (2019-2020-2021), o segundo da pandemia que embaralhou tempos, espaços e sensibilidades em todos os cantos.

É hora de “perseguir o acontecido” como posto em *Grande Sertão: Veredas*, o mais grandioso romance do escritor mineiro João Guimarães Rosa. E, assim, para contar essa história, vamos andar na companhia de Riobaldo, narrador dessa obra magistral.

Perseguir o acontecido não só para ver o que se passou, mas principalmente para aprendermos com acertos e erros, e para ativar-mos possibilidades pretéritas, presentes e futuras.

Afinal, ainda citando nosso companheiro Riobaldo, ele nos diz: *“possível o que é – possível o que foi. E – mesmo – possível o que não foi.”* E nessa problematização da noção de tempo, ele atualiza e dinamiza a inquietação entre leitura e releitura do mundo e a ação no mundo. O possível estava aberto no passado, e permanece aberto no presente, sendo, sempre, mais amplo do que o próprio real. São muitas as possibilidades, até mesmo as que não foram e, por isso, precisamos da imaginação. São muitas as possibilidades e, por isso mesmo, muitas as responsabilidades.

Responsabilidades compartilhadas, processos de coaprendizagem e cocriação sobre os quais nos debruçamos ao longo dos anos, tentando encontrar novas formas de pactuar compromissos públicos e nos desafiando a entender os movimentos em curso na sociedade. Assim, nos lançamos em experimentações para uma mudança necessária.

Procuramos trabalhar numa perspectiva de desenvolvimento que só se efetiva em uma relação ecológico-cultural, que não se faz de maneira apartada da cultura, da natureza e da educação, sempre respeitando a pluralidade.

Em um estado como Minas Gerais profundamente e historicamente repleto de culturas, biomas, rios, montanhas e também de diferenças e exploração, a decisão que o BDMG Cultural tomou foi a de olhar para o todo, sentir o incômodo de sair das perspectivas tradicionais e de amplificar vozes diversas e não corroborar com silenciamentos.

E assim caminhamos, encontrando gente, histórias, saberes e desafios imensos.

Iniciamos 2021 na certeza de que seria preciso fabular, não para escapar do real, mas para pensar em novos reais possíveis, para dialogar com diferentes mundos. Nessa toada seguimos em quatro temporadas do podcast *É Cultura?* em que fabulamos sobre natureza, rua, amor e corpo. São, ao todo, doze conversas que nos ajudaram a alimentar nossa certeza de que há sim respostas para os desafios postos e que as respostas vêm dos mais diferentes lugares.

E fabulando seguimos.

E ouvimos Riobaldo: *“O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme em sobre um rio?”*

Sobre muitos rios dormimos, ao lado de muitos vivemos, mas também a eles maltratamos. Surge, por isso, o Seres-Rios Festival Fluvial, um festejo de muitas ideias, imagens, versos e estórias. E se olharmos para Minas e para Gerais e não focarmos a vista nas montanhas? Vemos rios... e com eles, Cerrado, mata seca, Mata Atlântica, terra arada, terra erodida, terra boa, chão de muitas pisadas.

Pisadas transatlânticas e também pisadas ancestrais que fazem daqui terra de muitos reinados, congados, quilombos, terra de Maxakalis, Krenaks, Pataxós, Xacriabás. Chão também de pisadas contemporâneas e midiáticas, de urbes que urgem se transformar.

Como seria especular sobre o que nos diria Riobaldo olhando para as cidades? Ele que tanto sabia do sertão. Talvez olhasse, já velho, e não achasse o decorrido formoso, como as lembranças que narra.

“Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende?”

Conectado à inquietação das cidades, nasceu URBE URGE. Porque é urgente reinventar o modo de vida urbano e ensaiar outras formas de coexistência entre humanos, animais e plantas, entre as cidades, as florestas, os rios, as montanhas. Mas também urge projetar, com os pés no chão e com os povos e as ciências da terra, as condições de habitabilidade para o futuro.

No LAB, projeto de residência artística, juntamos, remexemos e chegamos a um modelo que avançou. E, ainda como vereda que nasce no sertão, aprendemos muito sobre negritude, sobre *pedagogingas*, sobre qual ancestral queremos ser no futuro.

Nosso filósofo sertanejo já sabia.

“Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. Isto, já aprendi. A bobéia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba – é lavar ouro.”

E assim costuramos o ano, assim registramos acontecidos, assim chegamos ao fim, ainda imantados pela música que soou pelo vigésimo ano no BDMG Instrumental, pelas imagens, obras de mostras veiculadas nos sites de tantos ciberespaços, pelos filmes de todos os cantos.

E ainda teve projetos que nos deram a honra de apoiá-los e andar juntos. Manzuá, Piseagrama, Tocoíós, Ocupações, Festejos, CPCD, Mucury, Roda, Barú. Tudo já acontecendo, tudo por vir.

De todos, restam histórias e em tudo há a certeza de que cultura, educação e natureza são mestras de fazer futuro. Por isso, para o hoje resolvemos apostar no desejável e perseguir, com alegria e obstinação, a viabilização do possível, pois *“quando vou para dar batalha convido meu coração”*.

Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.

“Minas Gerais é um estado de cultura riquíssima, da poesia, dos grandes escritores e escritoras, da música, das artes visuais, das tradições populares. Em cada cidade que visitamos, vemos um jeito de fazer artesanato, um olhar que transforma o barro, uma história, um sabor, e também uma contemporaneidade que permanece criando, transformando. O trabalho do BDMG Cultural ao longo dos três últimos anos foi muito alinhado ao do BDMG na construção de novas redes e laços com todo o território das Minas e das Gerais. Além disso, nosso entendimento conjunto de que cultura é desenvolvimento foi consolidado e compartilhado. Os temas e os desafios contemporâneos ligados às questões climáticas, de gênero, das cidades e tantas outras relacionadas ao desenvolvimento sustentável passaram também por esta gestão do BDMG Cultural e estamos encerrando 2021 com muito trabalho, beleza e conexões erguidas.”

Sérgio Gusmão, presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.





“É um alento a existência de uma instituição cultural, no Brasil e nas Minas Gerais de 2021, com uma política tão democrática, polifônica, inclusiva, comprometida com a documentação e com a construção de novas memórias - mais diversas, críticas, abrangentes e, portanto, mais brasileiras.”

Júlia Medeiros, escritora, atriz e dramaturga, produtora executiva do Seres-Rios: Festival Fluvial.

“Me encanta muito nos projetos que eu tenho participado com o BDMG Cultural é que tem essa ideia de fundo: pensar coletivamente e compartilhar ações que podem contribuir para esse desejo de transformação do mundo.”

Gabriela Gaia, arquiteta urbanista e pesquisadora, professora (UFBA), interlocutora do Urbe Urge.





“São marcantes: a coerência das propostas, que se inserem numa discussão atual e urgente sobre a diversidade epistemológica e estética, a crise climática, a crise socioeconômica, a esfera pública e a busca por alianças; o entendimento da ideia de cultura fora da dicotomia moderna natureza *versus* cultura, incluindo outras disciplinas, cosmologias e estéticas no campo da cultura ocidental; o agrupamento de iniciativas que, juntas, formam um mapa de caminhos possíveis e uma rede de fortalecimento mútuo; o fôlego das empreitadas, não poupando esforços para envolver o maior número possível de participantes, dos mais diversos lugares; a grande e qualificada contribuição à formação de uma arena de discussão, educação e colaboração na cidade e no estado.”

Renata Marquez, professora e arquiteta, interlocutora do Urbe Urge.

“Desejo que o BDMG Cultural continue a ter essa abertura para pessoas, propostas e projetos que possam ser considerados até destoantes do que vem sendo feito atualmente em Minas Gerais. Essa me parece ser a marca principal dessa gestão e que eu gostaria que continuasse. Mais então do que falar de um determinado desejo meu, que envolva algo a ser feito por mim, eu expresso esse desejo mais amplo de que o espírito que fundou e organiza o modus operandi da atual gestão prevaleça e permaneça nos próximos anos.”

Ricardo Aleixo, artista-pesquisador intermídia, ensaísta e editor.



Aposta de mudança do BDMG Cultural

“A nossa grande questão é como provocar aprendizados mútuos entre a cultura e a natureza, a técnica e o pensamento, a oralidade e a escrita, a roça e o elevador.” Essa declaração de Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural, publicada no último relatório de atividades, resume a proposta da instituição. E em um país tão desigual como é o Brasil essa questão se faz ainda mais relevante. Enxergar o lugar da arte e da cultura como possibilidade para esses encontros e aproximações é um caminho potente, abrangente, inclusivo. Assim tem atuado o BDMG Cultural, buscando exercer seu papel como instituição pública ao provocar reflexões e rupturas, ao promover pesquisas e sínteses que convidam para experimentar a ação.

Por ser um instituto cultural ligado ao Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), é possível uma atuação que concretiza a força da cultura como agente propulsor do desenvolvimento, visto aqui pelo prisma da produção do conhecimento, formação simbólica, inventividade, inovação.

Nesse caminho, a atual gestão do BDMG Cultural vem, desde 2019, organizando seus esforços e iniciativas a partir de estratégias confluentes, cujas vias principais são a pesquisa e a experimentação, canais de comunicação para a composição de projetos, programas e editais voltados ao fomento das artes visuais, da música e da produção de conhecimento. E se propõe a fazer essas travessias criando veredas de diálogo, de convite à composição de múltiplos saberes que se ancoram em processos descentralizados, observados como processos, mas também como resultados. Essas veredas vão sendo encontradas num caminho que é desenhado a partir da escuta e da abertura, em um fluxo que se parece com os rios e com as sinfonias.

O BDMG Cultural preparou e arrou o terreno para atuar dessa maneira em 2019, deixando tudo pronto para sair às ruas com o bloco em 2020. O mundo foi surpreendido pela pandemia da Covid-19, no início de 2020, levando todos os países a adotarem medidas de isolamento social para conter o seu alcance, cujas consequências arriscavam

a saúde e as vidas de modo coletivo. Apesar do susto, que poderia ser paralisante, a equipe do BDMG Cultural conseguiu reposicionar e replanejar sua atuação para que as iniciativas alcançassem e envolvessem as pessoas em formatos digitais e virtuais. Um desafio e um aprendizado imensos, com resultados importantes que foram apresentados no Relatório de Contribuições à Sociedade para o biênio 2019-2020.

Trazer e declarar experimentação, abertura, diálogo, sensibilidade e escuta como fatores-chave para sua forma de atuação foi estratégico para atravessar esse momento tão difícil e repentino com mais ferramentas e possibilidades de continuar. E mesmo de criar, imaginar, recompor e encontrar alianças para caminhar junto.

Esse foi o tom em 2021, com a proposição de Urbe Urge, Seres-Rios, Educativo, Lab Cultural e os projetos patrocinados como sínteses concretas e abertas dessas confluências de estratégias. Ainda que com focos temáticos diferentes, podemos olhar para essas iniciativas como um conjunto pela intenção concretizada de aproximar saberes múltiplos desde diversas origens à transformação da pesquisa em ação, a partir de acessos e capturas variadas dos mundos da arte e da cultura.

Urbe Urge, Seres-Rios, Educativo, Lab Cultural e os projetos patrocinados conversaram, caminharam, propuseram e confluíram com artistas, produtores/as, articuladores/as, outras instituições, estudantes, pesquisadores/as, universidades, povos tradicionais e com o próprio BDMG, juntando diferentes em trabalhos sempre integrados. Essas proximidades, com abertura e propósito, produziram alianças afetivas ao longo do desenvolvimento dos projetos. As pessoas envolvidas construíram juntas espaços para fabulação, reflexão e ação que resultaram em produções artísticas, mas não somente, e em processos envolvendo pesquisa, formação, informação, registro e difusão de conteúdos. Esse jeito de fazer provocou acessos e despertares e relatos que afirmam sentimentos de mais confiança e pertencimento, identificação e representação. Estamos falando de atributos poderosos da arte e da cultura.

São atuações que reverberam experiências culturais de interesse público que se pretendem duradouras e transformadoras, planejadas para serem assim, compostas efetivamente por diversidades de corpos, ideias, jeitos de estar no mundo, de ser artistas e de ser gestor/a, em confluências e celebração de espaços construídos e conquistados.

A abertura a essas vivências e experimentações em 2021, carrega de forma inerente o nascimento e a possibilidade de continuidade de outras e novas questões e inquietações que vão dando fio para tecer propostas para 2022 e além.

O BDMG Cultural quer ser um laboratório permanente de construção e compartilhamento de diferentes imaginários e de futuro, de relações ecológicas-culturais, de horizontalização do conhecimento e constituição de comunidade. Uma plataforma para experimentação de soluções que contribuam para outras compreensões sobre o tema do desenvolvimento, a partir da arte, da cultura, da economia criativa e, principalmente, da diversidade.

São programas públicos alcançando mais lugares, em Minas Gerais e onde chegarem, apostando continuamente na radicalização da horizontalização do conhecimento e da diversidade, na continuidade permanentemente atualizada, na consolidação do diálogo para novas perspectivas entre o fazer artístico, a sociedade e o ativismo. As ações contemplam incentivo, pesquisa, registro e divulgação da arte e da cultura do estado. É caminho e é horizonte ao mesmo tempo.

“Falar sobre cultura é falar sobre a gente, sobre o direito a ocupar e manter a ocupação dos espaços com nossos corpos e saberes confluentes. Falar sobre cultura é afetar, mudar aos poucos, exercer o diálogo, acessar a educação como dispositivo que incide sobre formas de agir e corrigir injustiças com a proposição e realização desse agir. É afetar pelo afeto, é acesso ao viver e, então, a se ver.” Mosaico de depoimentos da equipe BDMG Cultural, colhidos em novembro de 2021.



“A nossa grande questão é como provocar aprendizados mútuos entre a cultura e a natureza, a técnica e o pensamento, a oralidade e a escrita, a roça e o elevador.”

1

Como atuamos

Pesquisa e investigação
Experimentação
Canais de comunicação
Artes visuais, música e produção de conhecimento
Diálogo
Múltiplos saberes
Processos descentralizados como resultados
Sensibilidade, escuta e abertura
Em rede, em parceria

2

Projetos

Urbe Urge
Educativo
Seres-Rios
Lab Cultural
Prêmios de Música
Projetos patrocinados

3

Com quem caminhamos

Artistas
Pensadores/as
Produtores/as
Articuladores/as
Outras instituições
Estudantes
Pesquisadores/as
BDMG
Universidades
Povos tradicionais

4

O que encontramos

Ajuntamento de diferentes
Trabalhos integrados
Alianças afetivas
Gestão fluida e aberta
Confluência dos programas
Pesquisa
Produção das pessoas
Formação e informação
Registro e difusão de conteúdos
Identificação e representação
Fabulação, reflexão, inclusão
Confiança e pertencimento
Acessos e despertares

5

O que alcançamos

Experiências culturais de interesse público duradouras e transformadoras
Confluências de espaços e celebração
Diversidade de corpos, ideias, jeitos de estar no mundo, de ser artista, de ser gestor/a
Gestão mais humana, afetiva, transparente e engajada nas pessoas, nas suas histórias e nos seus saberes
Outras e novas questões e inquietações

CAMINHO E HORIZONTE PERMANENTES

Laboratório permanente de construção e compartilhamento de diferentes imaginários e de futuro, de relações ecológicas-culturais, de horizontalização do conhecimento e constituição de comunidade. Plataforma para experimentação de soluções que contribuem para outras compreensões sobre o tema do desenvolvimento, a partir da arte, da cultura, da economia criativa e, principalmente, da diversidade.

Retrospectiva 2019/2020

Inesperadamente, a reformulação do site do BDMG Cultural deu a liga da atuação de 2019 para 2020. Lembrou a história da serendipidade, em que saímos à procura de uma coisa e encontramos outra para a qual estávamos preparados sem saber que estávamos. Muitas descobertas na ciência aconteceram assim. De repente, o virtual se interpôs no caminho como única possibilidade de dar continuidade às atividades preparadas em 2019 para 2020. E foi possível criar, inventar, adaptar e acontecer. Como em tantos outros espaços.

A questão permanente, aqui e acolá, em vários espaços brasileiros, mas em Minas Gerais especialmente: alcançar territórios e culturas com as ações e iniciativas. Por isso, a geração da ideia de um mapa de ações. Além disso, uma gestão se pautando pela pluralidade, abertura, diálogo, reflexão e pactuação.

Nesses dois anos, 2019 e 2020, aproximaram-se vozes múltiplas e foram vividos muitos aprendizados: um programa educativo transversal e interdisciplinar, realizado em conjunto com o coletivo Micrópolis: reafirmando a noção de descentralizar, do valor público das atividades e do denominador comum. Foram realizadas mudanças no espaço físico dentro e fora do BDMG Cultural e nos canais de comunicação como forma de traduzir desejos de aberturas e misturas. O espaço físico ainda está por ser experimentado.

O Educativo ganhou nome e ação de Vizinhanças querendo aproximar-se de mais artistas, diversidade e gente. O online acelerou participações de todo o estado e foi plataforma das viagens. Editais e prêmios foram ajustados para formatos híbridos entre presencial e virtual. A cultura mostrou sua potência de refletir e reconstruir um novo tempo.

Artistas e públicos foram apoiados navegando Minas Gerais, experimentando diferentes direções adentro, embarcando suas rotas artísticas, compartilhando conhecimento, saberes e oportunidades. Cidades foram alcançadas a partir das ações. Caminhos vinham sendo preparados para acontecer em 2021, já anunciando presenças e fazeres virtuais como oportunidade, quem sabe experimentando

formatos mais híbridos. Os números de 2020 mostraram o virtual como palco possível de ação.

E o futuro também precisou ser reimaginado: propor um repensar do desenvolvimento a partir da cultura, da arte, da natureza e da produção das cidades, fundindo-se com o presente, que só trazia desafios e surpresas. Mapear e revelar possibilidades das práticas culturais realizadas no cotidiano, considerando a complexidade e diversidade geográfica e social, projetar novas formas de atuar a partir dos projetos em curso, ocupar um papel de facilitação e aproximação com novos públicos, apoiando projetos duradouros e contínuos. A imagem que se viu foi de um trânsito fluido das ações na capital e no interior, de diálogo entre diferentes, de troca verdadeira entre regiões e pessoas, com modos diversos de fazer cultural ocupando as galerias e os editais, preservando o incentivo à pesquisa a partir dos diversos saberes, sistematizando e compartilhando com suas contribuições.

E, finalmente, a vontade e a intenção de ampliar programas conectando cidade, campo e emergência climática com arte e cultura e a conexão com a pesquisa acadêmica e não acadêmica com saberes ancestrais, expandindo o sentido da arte. **É o que veremos nas próximas páginas que relatam as atividades de 2021.**

NÚMEROS

62 ARTISTAS APOIADOS

22 PROJETOS PATROCINADOS

27 CIDADES ALCANÇADAS EM 9 REGIÕES

PORTAL DE CONTEÚDOS

37.834 USUÁRIOS

62.514 SESSÕES

104.656 VISUALIZAÇÕES

Todos os dados foram coletados entre os meses de janeiro e dezembro de 2021.

INSTAGRAM

10.015 SEGUIDORES

33% AUMENTO EM RELAÇÃO A 2020

YOUTUBE

2.536 INSCRITOS

37% AUMENTO EM RELAÇÃO A 2020

35.339 VISUALIZAÇÕES

MÍDIA

724 CITAÇÕES

R\$ 3.918.676,23 EM MÍDIA ESPONTÂNEA

Produtos compartilhados com o público

11	lives / diálogos do programa Urbe Urge
554	visitas ao site Urbe Urge
11	lives / diálogos do Seres-Rios: Festival Fluvial
12 mil	visitas ao site Seres-Rios
+2.991	seguidores no perfil do Instagram
4.366	visitas ao site LAB Cultural
4	oficinas/masterclasses do Programa Educativo
2	masterclasses do programa LAB Cultural
12	podcasts (Spotify e site)
1	playlist (Spotify)
2	edições da REVISTA BDMG Cultural
6	exposições (presenciais e virtuais)
697	visitas ao site Mostras BDMG
8	publicações (catálogos e programas)
1	aula do Jovem Instrumentista
2	palestras do Prêmio BDMG Instrumental
9	vídeos do Coral BDMG
8	shows do Prêmio BDMG Instrumental
39	edições da newsletter Radar BDMG Cultural



“O conceito de cultura precisa ser ampliado para além das expressões artísticas, construindo novas narrativas, políticas e subjetividades que terão impacto no futuro que desejamos para nós e para os nossos descendentes.”

Maria Isabel de Camargos, conselheira do BDMG Cultural.



“Quando se pensa em tirar a economia do estado de uma matriz meramente extrativista e levar para conteúdos sofisticados e que tragam possibilidades de desenvolvimento, de crescimento econômico e de autonomia para o povo mineiro, necessariamente se tem que pensar em economia criativa, que tem uma inter-relação muito forte com as atividades artísticas, mas também com outras percepções sobre cultura, como o patrimônio, a cultura popular, a gastronomia e o turismo.”

João Eduardo Faria Neto, conselheiro do BDMG Cultural.

“No BDMG Cultural, há uma preocupação com questões de gênero, empregabilidade, representatividade. Há projetos direcionados para a cidade, para a arquitetura. Diversos projetos perpassam vários Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS conectados e que dialogam diretamente com as metas do BDMG.”

Camila Castro, conselheira do BDMG Cultural.



“Entendo a cultura como um agente múltiplo e difuso que permeia todos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS. Acredito que uma sociedade que dá vazão à diversidade cultural de seu povo é capaz de se desenvolver de forma sustentável. Então, vejo que o BDMG Cultural é um agente muito relevante para o cumprimento desta agenda.”

Maria Lígia da Costa Reis, conselheira do BDMG Cultural.



Confluência de Ações

Em 2021, o BDMG Cultural buscou aprofundar sua atuação, sendo construída desde 2019, como uma plataforma de possibilidades para pensar, experimentar e sentir outras formas de imaginar mundos.

Em diferentes programas, com características próprias mas sempre abertos para encontros e confluências de saberes diversos, buscamos instaurar redes de coaprendizagem e de cocriação. Confluências fundadas na alegria e na capacidade de nutrir aquilo que nos une e de estabelecer as melhores conexões entre nossas diferenças.

Esse é o lugar de atuação do BDMG Cultural: suas possibilidades, recursos e intenção são colocados na pluralidade. Projetos e intervenções conversam uns com os outros e, em composição, contribuem com propostas de diálogos, experimentações, soluções na direção de importantes dilemas da atualidade. Principalmente os que se referem aos limites e à escassez de tantos dos recursos fundamentais à vida e, de outra parte, à potência humana, criativa e criadora para manejar melhor os caminhos e dar conta de proposições e existências mais equilibradas.

O encontro com esse portfólio vivo - que inclui programas desenvolvidos e projetos patrocinados - testemunha isso.





Projetos desenvolvidos

Seres-Rios: Festival Fluvial | Urbe Urge: Respostas à Emergência Climática | LAB Cultural | Programa Educativo | Portal de conteúdo do BDMG Cultural | REVISTA BDMG Cultural | Acervo de artes visuais | Acervo da biblioteca | Acervo de Registro | Rádio BDMG Instrumental | 20º Prêmio BDMG Instrumental | Prêmio Jovem Instrumentista 2021 | Coral BDMG | Prêmio Flávio Henrique 2021 | Prêmio Marco Antônio Araújo 2021 | Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021 | Edital Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021/2022 | 7º Prêmio BDMG / FCS de Estímulo Curta-Metragem de Baixo Orçamento

Projetos patrocinados 2021 / 2022

ARCA: nossa história através de trançados e instrumentos de percussão | Mulheres da Ponte: conectando saberes da Terra e do Céu | 1ª Residência Literária Virtual Flipoços Camões | 5º Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte | Encontro de comunidades quilombolas itinerante, IV edição: valorização da identidade, amostra cultural | INDETERMINAÇÕES - Práticas críticas do Pensamento Negro 1ª etapa - online | Programa Sebrae Aceleração Criativa - SACRI - online | Catálogo - "Igreja das Santas Pretas" do MUQUIFU - Museu dos Quilombos e Favelas | Cartilha digital Patrimônios de Catas Altas | Meu Cinema, Nosso Território | Comunicação e Identidade: raízes para voar | Espaço de Memória Tamboril | O livro das Ocupações | 1ª Mostra de Cinema de Araçuaí | 13ª Edição da Revista Mucury | Festival Artes Vertentes – Festival Internacional de Artes de Tiradentes | Laboratório - Cultura Digital e Tecnologias das Artes Populares | forumdoc.bh - 25ª edição | Revista RODA: Arte e cultura do Atlântico Negro, nº 7 | 19ª Festa Literária Internacional de Paraty – Flip - Mesa de discussão "Sonho da terra, terra do sonho: aldeia-escola-floresta" | Revista Manzuá - Edição 4 | Revista Piseagrama - Edição 15



seres-rios

FESTIVAL FLUVIAL



“Em um tempo em que precisamos repactuar promessas de vida – falar sobre os rios é falar sobre a vida – criamos o Seres-Rios Festival Fluvial, para celebrar a existência e a importância dos rios. Neste momento em que perdemos tantas vidas que não deveriam ter sido perdidas, em que exaurimos a natureza a tratando como um recurso para os homens, vamos aqui saudar a vida. A vida de todos os seres, de todos os viventes, como dizia Guimarães Rosa. Um festival que é um ajuntamento de diferentes. Um movimento de confluências diversas para aqui saudarmos e pensarmos como somos todos nós feitos de relações ecológicas e, por isso, também culturais. A partir de três rios – o Opará, o Yékiti e o Watú, mais conhecidos como São Francisco, Jequitinhonha e Doce –, vamos falar dos rios em diálogos, música, cinema e artes visuais. E assim, continuaremos, rio abaixo, rio afora, rio adentro.”

Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.



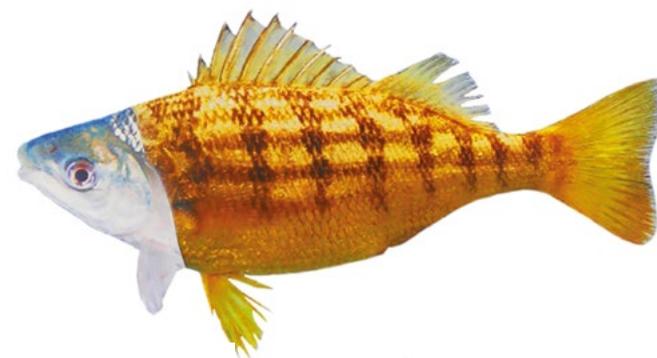
Como cuidamos de toda a rede ecológica e cultural que os rios emanam e coletivamente constroem em seu entorno?

O Festival fez um convite à reflexão sobre a preservação das histórias e culturas que costumam as águas dos rios Doce, São Francisco e Jequitinhonha.

Em um ambiente totalmente virtual e gratuito, a programação fluida contou com uma mesa de inauguração e um show, 6 diálogos, 4 lives, uma exposição coletiva de 6 artistas que desenvolveram trabalhos especialmente para o projeto, uma mostra de filmes, playlists, cartografia, conteúdo infantil e outras interações digitais para um público diverso.

Ocorreu entre 2 e 10 de agosto de 2021, e segue disponível em seresrios.org.

Na abertura do Festival, o diálogo "Políticas Cósmicas - Como viver sem o rio? Como viver com a Terra? Como viver no mesmo planeta?" foi protagonizado pelo líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor Ailton Krenak, ao lado de Marisol de la Cadena, antropóloga peruana, com mediação de Ana Gomes, antropóloga, professora da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadora do Observatório da Educação Intercultural Indígena.



“... Escapei dessa parábola do sindicato ou do partido e fui experimentar o que são alianças afetivas. Acredito que o que evolui nessa dança são as alianças afetivas, são os afetos que me envolvem e envolvem uma constelação de pessoas. Nessas alianças, eu desapareço, não preciso mais ser uma entidade política, posso ser apenas uma pessoa capaz de experimentar essa dança na medida em que ela consegue produzir afetos, afeições, sentidos. Foi um momento muito bom para observar essa questão das alianças e convidar a uma observação entre o que são alianças que obrigam a igualdade, que chegam a ser opressoras, e aquelas alianças que evocam uma radical diversidade e que admitem, inclusive, outros mundos. Só assim é possível conjugar algo como ‘mundezar’, abrir a possibilidade de criar mundos. Experimentar o encontro com a montanha não como uma abstração, mas como uma dinâmica de afetos em que ela não apenas é uma pessoa, mas também tem a iniciativa de abordar quem quer que seja. Esse ‘nós’ possível pode ser abordado de diferentes lugares, de diferentes maneiras, desconcerta a centralidade do especismo humano.”





“Então essas alianças – a partir das quais é possível mundear e remundear sem que nos tornemos iguais, mas mantendo nossas diferenças radicais que, além disso, tornam possível enfrentar pela vida a destruição – são alianças de outra maneira, que não são as alianças políticas usuais que pressupõem a igualdade, que pressupõem que todos somos sindicato, que não há diferenças e todos vamos para o mesmo lugar. Não. Todos somos ecologia, e todos somos juntos em relações ecológicas. E, por isso, conseguimos fazer alianças, mas em relações ecológicas, o que quer dizer nos combinarmos e nos tornamos diferentes sem deixarmos de ser quem somos. Então me entusiasmei muito a ideia, que eu não havia pensado, de afeto articulando as alianças que, sendo com seres-rio, seres-terra, com terra, com árvores, florestas, plantas e animais, definitivamente desantropomorfizam a política e a fazem na prática. [...] Eu gosto muito da palavra confluência porque uma atravessa a outra e nenhuma se choca. Continuam sendo todas e nenhuma deve negar a outra.

Isso também faz parte de pensar uma aliança que não surja da cidade, de querer que todos precisemos da igualdade como se pregava antes. A possibilidade de confluir sem que uma se choque com a outra é outro tipo de igualdade. [...] Trabalhar minando e localizando a capacidade onipotente de conhecer a partir da qualidade cultural humana faz parte de mundear de maneira diferente. Dizer: ‘Ok, esse é o seu lugar, mas há muitos outros com os quais você vai ter que conversar. O mundo já não é só seu. Já se passaram muitos séculos em que foi só seu. Agora ele não é só seu’. Remundear é uma tarefa imediata neste lugar e muito difícil.”

“Mas é sempre possível.”

Ailton Krenak



“Falar sobre rios é falar sobre seres, matérias, encantamentos, violência, vida e morte. É falar sobre o duo natureza e cultura que tanto tentou se apartar, mas que resiste em manifestos e festas. E pensar em rios no território das Minas e das Gerais é consagrar o maior número de bacias hidrográficas do país, onde abrigam-se nascedouros e grandes rios que seguem Brasil adentro e rumo ao Atlântico, abastecendo aquíferos e, por que não, imaginários de um mundo abundante.” Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.

“Frente à crise climática e ambiental, nessa época geológica que leva a marca humana – nem todos humanos, é certo –, o Antropoceno, urge repensar tudo e desfazer muitas coisas, ouvir gentes de todas as espécies, recusar a supremacia humana como certeza e valor, descolonizar e contracolonizar a história no presente, metamorfosear a destruição em cuidado e o des-caso em apreço, inverter os mapas e inventar outros manuais de navegação rumo a uma ecologia fluvial da vida.

Mais do que reunir a perspectiva dos humanos que vivem com o rio, do rio, para o rio, esta proposição fluvial quer con-fabular sobre dar voz aos próprios rios, aos peixes e outras criaturas que nele vivem, às matas ciliares e a todos os seres em suas vizinhanças, margens e barrancos. Propõe-se como um remanso de permanências e devires, sempre suscetível e aberto à confluência com outros seres e rios. Pretende reimaginar a própria ideia de rios como seres, organismos, sistemas vivos, para admiti-los como sujeitos que têm agência, direitos, se relacionam socialmente com outros seres e contam histórias: Seres-rios.” Bernardo Esteves, Júnia Torres, Marcela Bertelli, Wellington Cançado - curadores do Seres-Rios.

“Considero o Seres-Rios um projeto exemplar, mas eu destacaria o casamento entre inovação e consistência. O Seres-Rios partiu de uma ideia original, contemporânea, muito representativa de pautas urgentes e que, portanto, estão em evidência. O Seres-Rios esteve eticamente comprometido com seu tema, com minúcia e profundidade, do princípio ao fim. Ele nos formava e transformava à medida que o construíamos, que entrávamos em contato com suas convidadas e convidados brilhantes, com espaço riquíssimo para troca. Quando algo

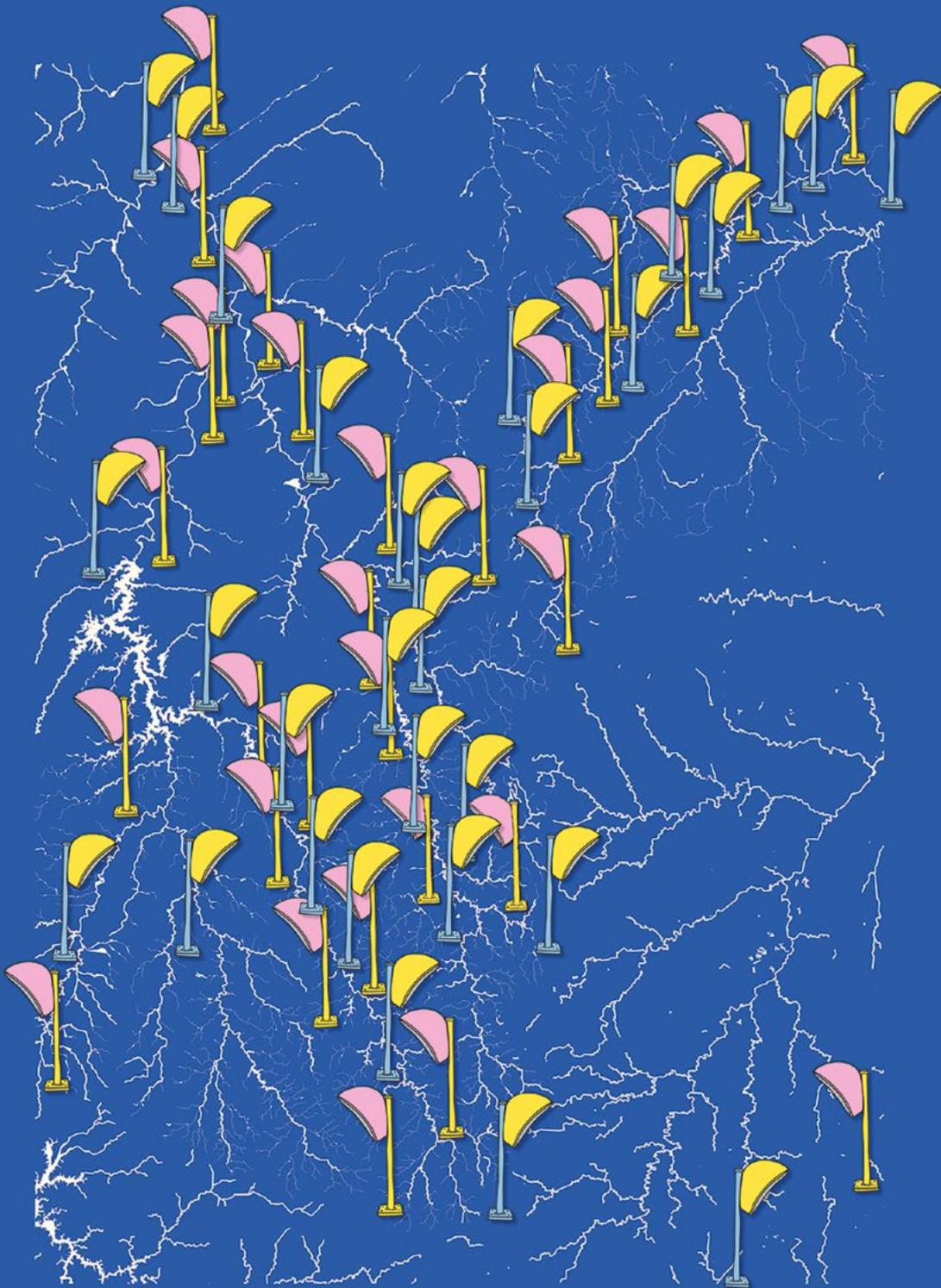




assim vai a público, para além dos resultados objetivos, seu impacto subjetivo lhe garante um legado histórico – perene e reverberante.” Júlia Medeiros, escritora, atriz e dramaturga, produtora executiva do Seres-Rios: Festival Fluvial.

“O apoio do BDMG Cultural foi super importante para desengavetar um projeto que eu tinha com o meu pai, da feitura de um barco à vela. Ele é apaixonado com barco à vela, toda vida eu vi ele fazer barco e no momento em que ele não tinha mais barco, surgiu o projeto do Seres-Rios e foi super importante porque eu usei do motivo da arte como sendo também um momento de poder fazer o barco para o meu pai. Todo o processo foi super importante, da feitura do barco porque a gente conseguiu registrar e também mostrar para as pessoas como é feito, compartilhar essa tecnologia que é uma coisa muito bonita. Enfim, desde o processo do início, de comprar os materiais, as madeiras até o dia em que colocamos o barco no rio foi bonito. O apoio foi importante porque esse projeto se estende de um jeito, até hoje, porque meu pai continua navegando no barco à vela, me manda os registros dessa navegação e, então, é uma coisa que ainda temos vestígios e está sendo usada pelo meu pai de um jeito que transborda a arte ou qualquer projeto.” Davi de Jesus do Nascimento, barranqueiro curimatá, arrimo de muvuca e escritor fiado, realizou o projeto “Singra” pela programação do Seres-Rios

A programação e os conteúdos do Seres-Rios: Festival Fluvial está toda disponível em www.seresrios.org



Ser como os rios

A proposta de Seres-Rios: Festival Fluvial veio concretizar uma intenção do BDMG Cultural, gestada desde 2019: tratar de forma fluida e nova temas caros a ele, relacionados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS e a cada ser que habita este planeta. Buscou-se trazer para o diálogo representantes de diferentes campos e convidá-los a pensar desafios de maneira coletiva, integrada, aprofundada e a partir de diversas lógicas e visões de mundo, em busca de inspirações para reinventar a realidade.

Foi uma aposta que associou linguagens e muitas formas de expressão, com o suporte de uma plataforma online. O resultado em termos de acessos e despertares – percebido pelos números, mas sobretudo pelos depoimentos e pela qualidade alcançada pelas participações – nos oferece uma pista de que esse é um caminho a seguir: confluir para seguir, confluir e seguir.



***URBE
URGE***

Urbe Urge: Respostas à Emergência Climática

Urbe Urge é um programa de fomento a projetos de arquitetura, urbanismo e design, em resposta à emergência climática, realizado em parceria entre BDMG Cultural e Cosmópolis, grupo de pesquisa da Escola de Arquitetura e Design da UFMG. O programa é voltado para arquitetos, urbanistas e designers em confluência com outros campos do conhecimento e saberes tradicionais e populares.

Foram selecionados 6 coletivos com 3 integrantes cada - sendo pelo menos um deles arquiteto, urbanista ou designer, e os demais de qualquer área do conhecimento e/ou saberes, inclusive tradicionais ou populares - para desenvolver projetos que discutem questões relativas às cidades e a emergência climática, em interlocução com 12 pensadores e artistas indígenas, lideranças comunitárias, cientistas do clima, pesquisadores do Antropoceno, críticos e curadores, além de arquitetos, urbanistas e designers engajados no enfrentamento da emergência climática.

O programa tem conexão com a Agenda 2030 e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), da ONU, especialmente os objetivos 11, que trata de cidades e comunidades sustentáveis; e o 13 que trata de ação contra a mudança global do clima.

Dos 72 projetos inscritos, os seguintes foram selecionados:

Nº 7, Mapeamento colaborativo das práticas do ROMZÂ – Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá.

Integrantes: Thiago Barbosa de Campos (Tito), Rebeca Cássia de Andrade e Maria José Moreira Alkmim (Zeza)

Nº 13, A formação sociocultural e econômica da população menos favorecida no distrito de Ravena, Sabará/MG a partir da produção tecnológica de telhas ecológicas de bambu.

Integrantes: Deborah Augusta do Amaral e Castro, Raquel Mattiello da Rocha Magalhães e Geraldo Lúcio Alves da Silva (Lúcio Ventania)

Nº 15, Vida por m3. Integrantes: Eduardo Campos Moreira, Fernando Godoy Vitor e Marcos de Aguiar de Moura

Nº 30, Lixo em Pauta – Entre no Clima! #EAMQ. Integrantes: Julio Cesar Evaristo de Souza, Júnia Martins de Moraes e Thomás Bastos Lóes

Nº 36, Tecnologias ancestrais: resgate da memória e do conhecimento ancestral acerca do trato com a terra e gestão da água a partir da agroecologia urbana. Integrantes: Patrícia Aparecida de Brito, Gláucia Cristine Martins de Araujo Vieira e Daniel Henrique de Menezes Dias

Nº 46, Mulheres-sementes: Juntando saberes tradicionais através do Atlântico. Integrantes: Gabriela Rezende Ferreira, Gisseila Andrea Ferreira Garcia e Ângela Guerra Monteiro.

“A proposta do BDMG Cultural, com este programa, é ampliar as possibilidades de criação de projetos no âmbito das cidades, entendendo arquitetura, urbanismo e design em uma perspectiva cultural e fomentando respostas aos desafios impostos pela emergência climática. Entendemos que não é possível este enfrentamento sem que saberes diversos estejam na experimentação de soluções e sem que olhemos para aquilo que é mais urgente hoje nas urbes. Por isso, propomos que coletivos se organizassem para a inscrição no programa, sempre considerando uma formação transdisciplinar e incluindo diferentes perspectivas.” Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.

“O programa Urbe Urge é uma iniciativa única no sentido de fomentar confluências e por apostar que a arquitetura, o urbanismo e o design, apesar de suas profundas implicações e responsabilidades com a emergência climática, podem ser práticas cruciais no processo inadiável de regeneração ambiental, reparação sensível na cura da terra e no cuidado com a Terra.” Wellington Cançado, professor da UFMG e pesquisador do Cosmópolis

“No programa Urbe Urge me marcou a ousadia das propostas, a ousadia teórica, política e estética. Um projeto que eu acho inovador, interessante, uma convocatória de projetos sobre mudança climática na cidade que é um tema absolutamente urgente e teve todo um critério, preocupação de diversidade social e étnica que eu achei super importante.” Alyne Costa, filósofa, interlocutora do Urbe Urge.

“Eu fiquei muito impressionado com a diversidade das propostas apresentadas no projeto Urbe Urge, mas sobretudo com os seus desafios. Embora estejam a lidar com contextos, comunidades e vivências urbanas bastante específicas e ligadas a Belo Horizonte, os coletivos envolvidos no projeto estão a enfrentar desafios comuns a outras comunidades e territórios. Conhecer e dar a conhecer o seu trabalho é por isso muito importante, pois nos dá uma noção de como lidar com a complexidade tanto desses contextos como das abordagens projetuais necessárias a eles. Ou seja, não há soluções simples para questões complexas. Acima de tudo, e talvez seja isso que mais me marcou, o projeto Urbe Urge salienta a importância da interdependência entre cidadãos. E de como só partilhando diversas

formas de conhecer e experienciar os mundos em que vivemos – e imaginar os mundos em que queremos viver – é que vamos conseguir agir de forma consequente.” Frederico Duarte, crítico, designer e curador, interlocutor do Urbe Urge.

“Foram marcantes os aprendizados que eu tive sobre o território e o modo de vida indígena e também sobre agricultura, agronomia, alimentação, que foram possibilitados. Além da lembrança das interlocuções com os convidados, sobre outras formas de atuação e de trabalho no mundo, que passa pelos conhecimentos tradicionais, mas também por outras disciplinas como biologia, física, design, arquitetura.” Thiago Barbosa de Campos (Tito), participante do Urbe Urge, com o projeto “Mapeamento colaborativo das práticas do ROMZÃ – Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá”

“Para mim foi muito interessante perceber, conhecer e reconhecer outras muitas formas de se praticar a arquitetura, urbanismo e design. Antes, havia em mim uma ‘crença limitante’ de que essas eram, essencialmente, atividades burguesas. Mas foi muito interessante ver tantas outras formas de ação desses profissionais em dimensões políticas, ecológicas, militantes e transformadoras de realidades cidadinas periféricas e também nos campos. Eu descobri que tenho muita afinidade com muitos desses profissionais que eu pude conhecer e reconhecer. Vi nessas companheiras e companheiros possíveis aliados, que espero juntar forças no futuro da minha atuação como agrônoma, extensionista e dedicada às causas dos povos indígenas, tradicionais, do campo e da cidade que buscam pelo direito à não-cidade.” Rebecca Cássia de Andrade, participante do Urbe Urge, com o projeto “Mapeamento colaborativo das práticas do ROMZÃ – Coletivo dos Agricultores e Agricultoras Familiares Indígenas Xakriabá”

“Me marcou a capacidade do Urbe Urge ter reunido pessoas tão distintas com aportes tão variados na construção de projetos concretos, em um exercício de imaginar, mas também de já prototipar, com a intenção de colocar no mundo encaminhamentos para questões do urbano, da cidade, numa relação muito forte com os espaços quilombolas, com os espaços indígenas, friccionando mesmo a própria noção do que é cidade.” Zoy Anastassakis, antropóloga e designer, interlocutora do Urbe Urge

“Nunca me senti à vontade com a ideia tradicional de design. Essa ideia de projeto que vem para resolver problemas e originar outros me parece desgastada. Pensar o design como um agente que possibilita confluências entre humanos, não humanos e mais-que-humanos me parece muito apropriado neste momento de urgência climática, constrói outras possíveis alianças entre os múltiplos agentes terrenos.”

Eduardo Moreira, participante do Programa Urbe Urge, com o projeto “Vida por m³”.



Manifesto: O que urge na urbe?

O que urge na urbe? Quais outras urbes urgem? Como mobilizar confluências na urgência? Onde encontrar urgentemente aliados humanos e não humanos? Até quando urgirá o futuro? Porque seguir adiando estas respostas urgentes?

- Urge enfrentar a poluição, as inundações, os deslizamentos de terra, a morte das nascentes e a contaminação dos rios, a hegemonia do transporte individual, dos combustíveis fósseis e das energias não renováveis, a expansão urbana predatória e desigual.
- Urge reinventar as cidades, despavimentar a vida e reflorestar o imaginário coletivo diante da urbanização que se faz planetária e das profundas alterações humanas dos ciclos da Terra no Antropoceno.
- Urge encarar a emergência climática como o mais complexo desafio do nosso tempo, que contribui para a geração de pandemias terríveis como a Covid-19, extinções em massa, catástrofes ambientais, devastação de vidas humanas e não humanas.
- Urge experimentar outras formas de coexistência entre humanos, animais e plantas, entre as cidades, as florestas, os rios, as montanhas; entre as culturas plurais e as multinaturezas.
- Urge projetar, com os pés no chão, as condições de habitabilidade para o florescimento de ecologias multiespécies e ecossistemas inclusivos em um mundo em que caibam muitos mundos.
- Urge refletir sobre as implicações da arquitetura, do urbanismo e do design com a emergência climática e apostar nestas práticas como cruciais no processo inadiável de regeneração ambiental e reparação sensível na cura da terra e no cuidado com a Terra.
- Por tudo isso, e muito mais, URBE URGE, novo programa de bolsas para projetos do BDMG Cultural para arquitetos, urbanistas

e designers, em interlocução com outros campos do conhecimento e com saberes tradicionais e populares.

- URBE URGE é um programa em consonância com a Agenda 2030 e com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS, da ONU para cidades e comunidades resilientes e para ações contra a mudança global do clima.

Os interlocutores participaram de imersões quinzenais com os bolsistas selecionados e realizaram lives públicas abertas a todos e todos no Youtube do BDMG Cultural. São eles:

Ailton Krenak - ambientalista, filósofo, escritor, curador e ativista dos direitos indígenas.

Alyne Costa - filósofa e professora.

Ana Luiza Nobre - arquiteta, historiadora e professora.

Carolina Levis - especialista em ecologia e pesquisadora.

Denilson Baniwa - artista, curador, designer, ilustrador, comunicador e ativista dos direitos indígenas.

Ester Carro - arquiteta, ativista urbana, professora e pesquisadora.

Frederico Duarte - crítico, designer e curador.

Gabriela Leandro (Gaia) - arquiteta urbanista, pesquisadora e professora.

Jerá Guarani - pedagoga e professora.

Paulo Tavares - arquiteto, pesquisador e professor.

Zoy Anastassakis - designer e antropóloga.

Todas as lives do programa estão disponíveis em www.youtube.com/BDMGcultural, no canal Urbe Urge, dedicado ao programa.



Transdisciplinaridade na prática

“Incitar a cidade”. É essa a convocação que faz o Urbe Urge. O programa coloca na mesma mesa coletivos com atores diversos e interlocutores - a partir do design, da arquitetura, da permacultura, da filosofia, da antropologia e de tantos saberes, tradicionais e populares ou não - para fomentar projetos que são respostas concretas à emergência climática e às questões mais prementes das cidades.

Provoca um deslocamento nos participantes e um trabalho integrado entre frentes que raramente se encontram, de forma horizontal. O formato é desafiador em sua primeira edição, mas já colhe frutos na sua existência: os projetos inspiram-se mutuamente, há um aprendizado coletivo e transdisciplinar e uma rede foi criada entre pessoas e grupos muito diferentes.

L A B ■ C U L T
U R A L 2 0 2 1

Lab Cultural

A compreensão dos processos criativos pode ser uma ferramenta importante no entendimento da cultura e na mensuração do quanto ela é um determinante para o desenvolvimento. Esta é uma ideia central para o LAB Cultural, um programa de valorização e incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento de processos artísticos e culturais em Minas Gerais.

O programa valoriza a troca entre artistas, linguagens e com profissionais diversos do campo cultural, incentivando a construção de uma rede de profissionais ligados à arte e à cultura dentro do estado.

Nesta segunda edição, em 2021, o LAB Cultural enfatizou a construção coletiva de conhecimento e reconheceu a potência das novas formas de comunicação, que tiveram sua utilização ampliada em virtude da pandemia, mas que efetivamente nos possibilitam interações e entrecruzamentos com conhecimentos mais plurais, criando pontes e estreitamento de laços, talvez antes inviáveis pelo distanciamento territorial. Deste modo houve aproximação de regiões de um estado tão amplo quanto diverso.

A tutoria do LAB Cultural é formada por:

Aline Motta - artista visual e pesquisadora.

Dione Carlos - dramaturga, roteirista e atriz.

Gil Amâncio - artista multimídia, músico e produtor musical.

Ricardo Aleixo - artista-pesquisador intermídia, ensaísta e editor.

De 433 inscritos, foram selecionados 20 projetos artísticos em diversas áreas, a serem desenvolvidos em cinco meses: quatro de pesquisa tutorada e um mês de conclusão. Todos os processos serão compartilhados na plataforma exclusiva, no site do BDMG Cultural.

Contemplados no LAB Cultural 2021

Adriano Maximiano

Nascido em uma favela de São Paulo, fez o caminho regresso de seus pais, vindo para Minas Gerais. Recebeu de seu avô a herança de Chefe de Congada da cidade de Illicínea, segue na resistência em todo o estado de MG.

Augusto Henrique

Com formação em artes, sua produção resiste entre-inter linguagens das artes visuais, artes cênicas e audiovisual por meio da performance. Seu repertório gestual e vocal aspira no devaneio corpo e espaço, a composição de sonoridades e visualidades dissidentes nas artes.

Camilo Gan

Cantor, compositor, arranjador, onilú, multi-instrumentista, dançarino, construtor de instrumentos musicais, educador, licenciado em música e ritual designer. Idealizador do Samba de Terreiro, Bloco Afro Magia Negra, Corpo Oralidade, Babadan Banda de Rua, Per-Concertos, e do Instituto Afrormigueiro.

Carneyra Qhitä

Artista visual, designer, produtora cultural, futurista e estudante de Design, usa da modelagem 3D, eletrônica, instalação, mídias diversas e cyberprocessos tecnológicos como formas de organização, cura e desenvolvimento de estéticas e vivências anti-coloniais em Abya Yala. (Abya Yala na língua do povo Kuna significa "Terra madura", "Terra Viva" ou "Terra em florescimento" e é sinônimo de América.)

Chris Tigra

Trabalha com linguagens híbridas investigando as urgências humanas, a arte como parte de uma cultura de ativismo em busca de transformação social, a provocação de ressignificações acerca de situações e universos marginalizados.

Clara López Iglesias

Palhaça, atriz, dramaturga, diretora-cocriadora de espetáculos, produtora independente e oficina de artes cênicas. Equatoriana, natural de Guayaquil, mora em BH desde 2018. Desenvolve uma dramaturgia própria baseada na palhaçaria e teatro físico com inclusão de habilidades circenses.

Emiadê

Multiartista, preto, periférico e LGBTQIAP+, atua na área do teatro contemporâneo, performance, música, desenho, poesia e produção cultural. Já produziu diversas obras que dialogam com a pauta racial, educacional e de gênero.

Froiid

Artista plástico, desenvolve seu trabalho em diversas linguagens artísticas de modo híbrido relacionando arte e cidade, trançando temas como pirataria, território, cidade/urbano e poéticas do jogo. Atua também em grupos de pesquisa de desenvolvimento e inovação que se propõem a problematizar as/nas fronteiras.

Jeiza da Pele Preta

A artista sempre tenta promover em suas performances/trabalhos um circo mais brasileiro, usando seu corpo preto de mulher e suas vivencias em dança, enaltecendo nossa cultura brasileira e afro-brasileira.

Joyce Athiê

Atriz, jornalista e mestra em Comunicação Social, desenvolveu estudo sobre o ato de biografar e suas implicações éticas. É especialista em gestão cultural e realiza trabalhos em comunicação para projetos culturais.

Juliana de Oliveira

Estudante de Artes Visuais, a artista dedica a sua produção de pintura ao descobrimento das nuances do corpo, trazendo uma característica expressiva e singular da pessoa retratada.

Malu Teodoro

Mãe e artista multimeios, dedica-se principalmente ao vídeo e à fotografia. Desde 2018, ano de nascimento de sua filha, seu trabalho tem sido atravessado por questões sobre a maternidade e os feminismos.

Manuella Balbino

Estudante de Design e ilustradora, realiza pesquisas sobre artistas afro-brasileiros e se interessa por causas identitárias no cenário artístico.

Massuelen Cristina

Artista visual, seu trabalho perpassa por várias linguagens nas quais busca explorar as diferentes formas de ver, ser e estar no mundo ocupando e criando espaços de diálogo sobre o lugar do sujeito e o tempo que configura a memória e o afeto.

Mayara Bouquard

Produtora cultural atuando também na área audiovisual, busca contribuir para o fortalecimento da autoestima da mulher negra de Além Paraíba/MG, contribuindo para uma reflexão crítica sobre mudanças sociais; busca também valorizar a produção feminina no audiovisual local.

Negah Thé

Militante da Cultura Hip Hop, graduanda em pedagogia, produtora cultural e mãe de Hannah. Idealizadora e gestora da Preta Produtora, atua na perspectiva de potencializar o trabalho das juventudes preta e periférica, em especial mães, mulheres negras e comunidade LGBTQIAP+.

Pedro Neves

Estudante de patrimônio cultural, busca representar o cotidiano e os signos que traduzem o povo brasileiro e seu complexo cultural. Sua obra vem se construindo através da pintura, fotografias analógicas e esculturas em cerâmica.



Wallison Culu

É morador do Aglomerado da Serra/BH, onde iniciou seus estudos nas danças urbanas. Atua como diretor, coreógrafo e dançarino. Ministra cursos e workshops e produz eventos culturais, com destaque para o Festival A Quebrada.

Washington da Selva

Artista e pesquisador. Tem experimentado na construção de uma poética auto-etnográfica, onde utiliza de narrativas de experiências familiares de trabalho na zona rural do Cerrado de Minas Gerais

Yanaki Herrera

Artista plástica, nascida em Cusco e residente em BH, vivencia a experiência de mulher migrante desde os 15 anos. Sua pesquisa artística transita entre migração, folclore, maternidade, por meio da linguagem pictórica, instalação e performance, envolvendo a memória e a crítica decolonial.



“Um projeto como o LAB Cultural possibilita que artistas possam dedicar tempo para suas pesquisas, algo nem sempre possível em um cenário devastador como o que estamos vivendo, em que a cultura vem sendo um dos setores mais vilipendiados, junto com a saúde e a educação.” Dione Carlos, dramaturga, roteirista e atriz, tutora do LAB Cultural.

“São vários os momentos na história da arte em que se registra essa prefiguração feita por artistas daquilo que ainda nem se constituiu enquanto semente, enquanto projeto para a sociedade. Seja do ponto de vista de pesquisas científicas ou de experimentos no campo do comportamento e outros, seja na previsão de desastres, como desastre, que é a configuração atual da sociedade brasileira. Isso está sendo dito, essa pedra está sendo cantada por inúmeras gerações de artistas nossos. E é a pesquisa que potencializa isso. Daí a importância de projetos tão arrojados em suas premissas, em suas intenções como o LAB Cultural. Porque a arte é, do modo como eu concebo, ao mesmo tempo um retrato, um testemunho do tempo em que ela é feita e é possível antecipação dos contextos futuros.” Ricardo Aleixo, artista-pesquisador intermídia, ensaísta, editor, tutor do LAB Cultural.

“Quando vejo um edital como o LAB Cultural e vejo sensibilidade para a questão da descentralização, é algo muito importante e muito urgente. E também há uma sensibilidade que, muitas vezes, não vejo em editais, que é da remuneração mensal para os residentes. Isso é muito importante. Porque além da mentoria, que me sinto muito honrada de poder proporcionar e em poder trocar, ela é sempre um ato de generosidade tanto meu como da outra pessoa, do outro artista. (...) A gente vê muitos editais que são de produção e fica a pergunta: e a pesquisa? Quando a pessoa vai ter tempo de olhar para o seu trabalho com cuidado, com tempo, com engajamento que, às vezes, só o dinheiro permite?” Aline Motta, artista visual e pesquisadora, tutora do LAB Cultural.





“Até eu me inscrever e ser aprovado no LAB 2021 eu tinha um senso de pertencimento muito grande nas Congadas, reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Eu tenho 38 anos e sou congadeiro há séculos e isso eu sempre tive dentro de mim.

Mas depois desse estudo, desse processo, vivência com os tutores, convivência com os outros trabalhos dos outros bolsistas e as 15 viagens que fiz registrando Congo pelo estado de Minas, esse senso de pertencimento se ampliou de uma forma mágica, como um encantamento. Parece que alguém pôs a mão e disse que é como eu fazer parte de algo muito maior. Ter herdado esse cargo, ser coroado, já era algo muito grande pra mim, e com esse estudo ficou muito maior, pois se ampliou a nível estadual. Saber e ter irmãos sagrados em tantos locais diferentes, saber que a minha vivência é conectada com outras tantas vivências em tantas cidades que eu nem tinha pisado, saber que eu tenho uma missão e, além de ter essa missão, ter a gratidão de ter conseguido alcançar uma etapa dessa missão que tem muito a ver com esse pertencimento. Mudou muito a sensibilidade de saber que não somos mais escravos, de ter a certeza de que, de alguma maneira, nós não temos uma coroa somente de enfeite, que somos reis e rainhas, nossa tradição é tão grande que nem eu mesmo, sendo pertencente a essa tradição, consigo explicar de uma maneira que eu conclua e isso pode parecer decepcionante, mas para nós das culturas afrodiaspóricas é a confirmação

de pertencimento a uma tradição. Nossas tradições não são conclusivas, binárias, mono, como o tutor Gil Amâncio sabiamente conseguiu transmitir pra mim. Nós somos poli em todos os sentidos de vivência e experiência com o sagrado. Isso é algo que mudou pra mim e para os meus mais próximos, que vivenciam comigo a tradição: há uma maneira de viver a tradição sem ser marginalizada, minimizada, escondida, que pareça que estamos fazendo algo que a sociedade diz que não é normal e não tem valor. O que fazemos é muito maior do que a sociedade nos impõe. É possível fazer arte, cultura numa visão social de relação com o poder público. Tive muitos debates, até calorosos, com pessoas do poder público de alguns municípios que eu visitei, principalmente relacionados a um pedido de respeito para com aqueles que fazem, vivem a tradição reinadeira, congadeira. Foi produtivo não só pra mim, mas para aqueles que eu fui registrar. Tem como ter uma relação de imposição de respeito por nós para com o poder público. A tutora Dione Carlos afirmou que muito do que eu era e queria fazer era muito político, e a nossa política brasileira precisa disso, precisa de um exorcismo primeiro para depois ser ocupada por pessoas que estão conectadas com o bem, o sagrado. Eu consegui comprovar que o que ela disse era uma premonição verídica. Houve muitos debates políticos envolvidos nesse processo, em busca de trazer valorização para essas pessoas que são da tradição. Eu termino essa vivência do BDMG Cultural em 2021

como um marco na minha vida, no aspecto sagrado, social, político e artístico. A partir deste momento, eu consigo provar para o nosso povo que nós fazemos arte, uma arte sobre a qual Ricardo Aleixo disse em uma aula: nossa musicalidade está além do que a tecnologia atual consegue analisar. Eu ampliei isso: nossa tradição, nosso modo de viver, nossa cultura estão além do que conseguimos analisar. Lembrando também a tutora Aline Motta: ela passou uma mensagem sobre o simples que é ‘apertar o *rec*’, as pessoas que estão sendo registradas sentem uma emoção tão grande com o modo como apertamos o *rec* das nossas câmeras, as pessoas agradecidas, e eu só apertei um botão. Para ter uma noção do quanto isso foi real e emocionante, vou terminar lembrando que na terceira gravação que a gente fez, eu fui a Prudente de Moraes passar um domingo com o Capitão Chico Cachimbo, de 67 anos, mais de 60 de vivência no reinado. Na despedida, ele disse: ‘Obrigado, foi o melhor domingo que passei na minha vida’. Isso não tem preço, não tem como explicar ouvir isso de uma pessoa que é um ídolo, uma referência, pessoas que são exemplos de vida. É muito forte. Tenho muito que agradecer o que a equipe do BDMG Cultural fez e ajudou nessa construção, nessa vivência que é algo que ficará eternizado não só pra mim, mas pra muitas pessoas.”

Adriano Maximiano, Chefe de Congada da cidade de Illicínea/MG, participante do LAB Cultural 2021.

“Eu sou um artista que não consegue pensar a arte como prática de campos isolados. Uma criança canta, toca, dança, desenha, constrói brinquedos e engenhocas, tudo ao mesmo tempo. Somos seres que nascemos com habilidades múltiplas e inseparáveis. Uma criança quando brinca, sua ação é cheia de sons, movimentos, teatralidade e de invenção de novas tecnologias. E para mim, habitar um espaço onde vou encontrar pessoas de diferentes áreas para trabalhar juntos, é maravilhoso!”
Gil Amâncio, artista multimídia, tutor do LAB Cultural.

“O LAB Cultural passou a ser um encontro maior do que um trabalho. Descobertas verdadeiramente lindas dos tutores e a forma respeitosa e dedicada para com o projeto; hoje somos todos amigos, e grandes amigos. O afeto tomando, o espaço do quadrado que virou roda, os encontros todas as semanas sendo desejados, os bolsistas crescendo em seus corpos e obras, entre eles também amigos, entre nós amigos, cumplicidade, choros, sorrisos, gargalhadas, sonhos, música, poesia, puxões de orelha, abraços longos (mesmo que virtuais)... um “lugar” muito bonito e privilegiado.” Samantha Moreira, integrante do JA.CA Centro de Arte & Tecnologia, que compõe o corpo técnico de seleção, produção e orientação do LAB Cultural.

“O que mais me marcou na parceria com o BDMG Cultural foi a identificação de um profissionalismo que não elimina o dado humano, o cuidado com as pessoas, comigo em especial, com as demais pessoas que participaram do processo, me refiro especificamente ao LAB Cultural. A escolha das pessoas para participarem como tutoras foi muito cuidadosa e a condução muito carinhosa também da relação entre nós, tutores, tutoras e o grupo de bolsistas. Isso chamou muito a atenção, a demonstração de que é possível ser muito profissional e ainda ter cuidado na aproximação entre instâncias e entre pessoas.” Ricardo Aleixo, artista-pesquisador intermídia, ensaísta e editor, tutor do LAB Cultural.

“Pra citar algo que fica marcante a partir desses encontros, é o respeito por nossa autorialidade. Não essa que o mercado busca, não o ineditismo dos mercados, mas do nosso gesto de atenção à nossa forma de fazer, dos nossos procedimentos, das nossas referências, nossas angústias e desejos.” Joyce Athiê, atriz, jornalista e mestra em Comunicação Social, participante do LAB Cultural 2021.

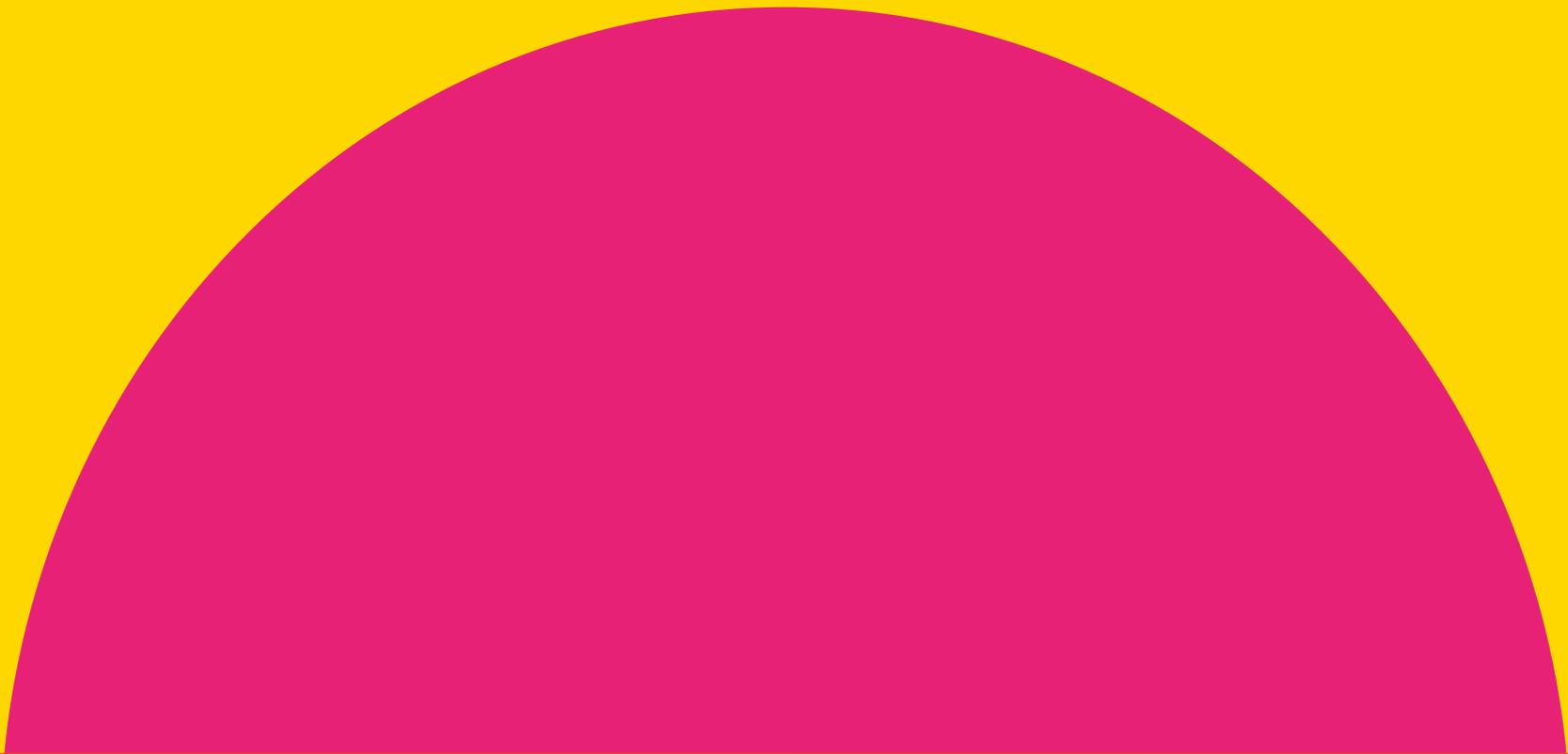
“Esse apoio me dignificou primeiramente em um lugar que eu sentisse que estava sendo escutado, de pertencimento, onde havia escuta por parte dos tutores e dos participantes e uma grande força de vontade de colaboração entre os projetos. Então, tem sido muito significativo ver quanta coisa tem acontecido em confluência com o LAB Cultural. A gente tá se movimentando pra fora, eu percebo isso também em outros participantes. Eu participei de outros processos durante o LAB Cultural e muitos deles, tenho certeza, aconteceram pelas confluências, pelo avanço, pela mudança que aconteceu na minha consciência sobre o que eu estava pesquisando.” Washington da Selva, artista e pesquisador, participante do LAB Cultural 2021.

Os projetos e processos do LAB Cultural 2021 estão publicados na plataforma <https://bdmgcultural.mg.gov.br/lab/>.

Experimentação

O LAB Cultural, em seu segundo ano, existe para impulsionar a pesquisa e a arte dos participantes, dando suporte a processos artístico-culturais e à troca entre participantes e tutores. Os resultados vão desde a viabilização de processos e projetos até a noção de pertencimento e de confiança gerada pelo apoio, em especial neste período pandêmico. O programa empodera os participantes, que se sentem mais fortalecidos e reconhecidos em seus campos de pesquisa e prática.





educativo2021
bdmg**cultural**

Educativo

“Entendemos que novas alianças são fundamentais neste momento. Alianças entre cultura e educação, aliança entre diferentes linguagens, alianças a favor do respeito, da diversidade e do direito à imaginação, ao conhecimento e a novas possibilidades de entendimento do mundo. Neste sentido, a relação entre a cultura e a educação – também entendida como um grande campo para além da educação formal – torna-se protagonista a partir de nossa premissa de que há muito o que se expandir no entendimento da cultura e das relações sociais que a envolvem.” Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.

“Mais do que um conjunto de atividades de mediação cultural, construímos um programa comprometido em propor vizinhanças, articular comunidades e fabular novos futuros, a partir de uma abertura a múltiplos e diversos colaboradores que, juntos, formaram uma verdadeira rede de saberes urgentes e necessários no contexto de escassez imaginativa em que vivemos.” Felipe Carnevali, do Coletivo Micrópolis, parceiro no desenvolvimento do Educativo.

Criado em 2020, em parceria com o Coletivo Micrópolis, o Programa Educativo do BDMG Cultural foi idealizado como uma instância que se deixaria permear pelos compromissos públicos da instituição e por seus programas para explorar novas fronteiras do conhecimento olhando para as questões contemporâneas que emergem na sociedade.

As diretrizes principais foram as de dialogar com múltiplas vozes e saberes; desenvolver ações que fossem de interesse público; gerar uma aproximação com educadores que são grandes multiplicadores de conhecimento; e atuar de maneira a contribuir para uma ampliação de repertórios.

Em 2021, o tema escolhido foi “Fabulações” para provocar o imaginar de novas histórias e de futuros para todos. As perguntas que se colocam são: O que fazer diante de desequilíbrios climáticos, processos de destruição da biodiversidade e crescimento exponencial da

intolerância que repercutem em nossa vida ainda regulada pela pandemia da Covid-19? Como deveremos nos portar após tantos meses vivendo em um mundo socialmente isolado? Como, enfim, pensar no depois se o agora reclama a urgência da nossa atenção?

Podcasts (ancorados pelo antropólogo Roberto Romero e pela diretora-presidente do BDMG Cultural Gabriela Moulin), oficinas e textos críticos - em um esforço de gerar ação, reflexão e diálogo - foram compartilhados com o público a cada trimestre, abarcando o tema: Fabulações da Natureza, Fabulações do Amor, Fabulações das Ruas e Fabulações do Corpo corresponderam aos quatro módulos do ano.

FABULAÇÕES DA NATUREZA

MAR-ABR 2021

O primeiro ciclo de atividades do programa educativo do BDMG Cultural de 2021, realizado entre março e abril, teve como tema as Fabulações da Natureza, e buscou discutir as narrativas criadas em torno da ideia de natureza, que revelam possibilidades múltiplas para pensarmos sobre as origens e os fins dos tantos mundos que nosso mundo abriga.

Podcast É Cultura?: “O mundo sem nós”, com a filósofa Debora Danowski

Você já tentou imaginar o fim do mundo? Será que ele seria um fim lento, que vai acontecendo aos poucos, ou seria um fim repentino, explosivo? O que será que aconteceria nessas horas antes do fim? A filósofa Déborah Danowski conversa sobre como a ficção científica pode nos ajudar a imaginar e pensar para além daquilo que o nosso conhecimento sobre o fim do mundo é capaz de apreender.

Podcast É Cultura?: “O mito da natureza inesgotável”, com o historiador ambiental José Augusto Pádua

Você já imaginou como era a paisagem no Brasil antes da invasão portuguesa? Neste episódio, o historiador ambiental José Augusto Pádua conduz a um passeio pelas abundantes matas que ocupavam nosso território em 1500 e que pareciam não ter fim.

Podcast É Cultura?: “Aprender com a natureza”, com a liderança indígena Dona Liça Pataxoop

Se ouvíssemos o que as matas, os rios, as montanhas e os animais têm a nos dizer, talvez nos relacionássemos de uma outra forma com a natureza. Neste episódio, a educadora e liderança indígena Dona Liça Pataxoop conta sobre como as histórias das origens e dos fins vividos pelo seu povo Pataxó podem ensinar o valor e a importância de vivermos mais próximos da terra.

Oficina “Natureza Fantástica”, realizada virtualmente por transmissão de vídeo com a artista e educadora Stela Barbieri.

Texto crítico “O Caçador e o Curupira”, da escritora Julie Dorrigo, descendente indígena do povo Macuxi e doutoranda em Teoria da Literatura

Descendente do povo Macuxi, de Roraima, a escritora e pesquisadora de literatura indígena Julie Dorrigo nos aproxima do corpo da terra ao compartilhar uma das inúmeras histórias contadas pelos mais velhos de seu povo.

“Esse mito da natureza inesgotável não aparece só no início da história do Brasil, mas em toda a nossa história, até hoje. Porque ele cria uma ilusão de que os recursos são tão abundantes que não há necessidade de cuidado.” José Augusto Pádua, historiador e coordenador do Laboratório de História e Natureza.

“Me parece injusto ficar insistindo nessa coisa de fim absoluto quando tem tantos povos que já passaram, que estão passando e que vão passar por outros fins de mundo.”

“A ficção científica é fundamental para pensarmos sobre o tamanho das catástrofes e mudanças que estamos vivendo.”

Déborah Danowski, filósofa.



“Eu sou gente da natureza. Eu tenho irmão na natureza, eu tenho avó, eu tenho parente de todo tipo na natureza. Por isso que às vezes eu falo que eu não tenho medo da natureza, eu tenho respeito.”



Dona Liça Pataxoop, educadora, artista e liderança da aldeia Muã Mimatxi.



FABULAÇÕES DO AMOR

MAI-JUL 2021

O segundo ciclo de atividades do programa educativo do BDMG Cultural de 2021, realizado entre maio e julho, teve como tema central as Fabulações do Amor, e discute como as narrativas amorosas nos transformam e como nós transformamos o mundo a partir do amor e sua ética.

Podcast É Cultura?: “Todas as formas de amor”, com as psicólogas Ana Martins e Juliana Soares

Você já reparou como o amor é um tema quase onipresente na cultura? A gente vê, lê e ouve sobre amor em todo lugar. Ainda assim, é comum sentirmos que o mundo precisa de mais amor. Neste episódio, as psicólogas mineiras Ana Martins e Juliana Soares nos ajudam a reconhecer e compreender as várias formas de amor que permeiam as vidas íntimas e coletivas.

Podcast É Cultura?: “Poder da Sedução”, com a cantora Dona Onete

Passando pelas águas do rio Maiauatá até as docas de Belém do Pará perfumadas pela mistura de cheiros e sabores do mercado Ver-o-Peso, a cantora Dona Onete conta sobre o poder e os mistérios da sedução através de suas canções de amor.

Podcast É Cultura?: “A Dimensão Pública do Amor”, com o Pastor Henrique Vieira

Neste episódio, o Pastor Henrique Vieira fala, a partir da tradição bíblica, da importância de vincular o amor à quebra de mecanismos de opressão e injustiça. Mais que um sentimento individual, o amor pode ser uma construção ética cotidiana, coletiva e permanente.

Texto Crítico “O amor como antídoto”, por Silvane Silva, historiadora, professora e pesquisadora.

Neste texto escrito por Silvane Silva, a historiadora reflete sobre a importância política de um retorno à vida comunitária, e do amor como prática transformadora contra a barbárie e o ódio que nos rodeiam.

Masterclass “É amor que vocês querem?”, com Leticia Letrux, escritora, cantora, compositora, poeta e atriz.

“Neste momento histórico, no qual mais uma vez os discursos de ódio mobilizam multidões e acionam esse afeto como categoria política, talvez seja oportuno nos lembramos que o amor constrói vínculos, traz confiança, equilíbrio, solidariedade, saúde mental e cura. Se o desamor está na ordem do dia, falar de amor pode ser revolucionário. Oxalá permita que o amor seja antídoto.” Silvana Silva, professora, historiadora e pesquisadora.

“O amor é um dos assuntos mais antigos. Tentei fugir dele, como tema, mas minha vida foi pior. Quando eu abracei o amor, e não só sua luz, mas também sua sombra, abriu um clarão na minha cabeça. Que coisa formidável e maluca era essa que me abalava, que me catapultava, que me deixava grilada, que me fazia mentir, sofrer, ter prazer? (...) Amor é meu trabalho, é meu centro do labirinto, é minha música, minha fossa, meu gozo, meu caos, meu cosmos.” Leticia Letrux, escritora, cantora, compositora, poeta e atriz.

“O amor é uma potência, uma potência de transformação social. Tem a ver com eu enxergar, reconhecer o outro, reconhecer a minha história e a história do outro. Então o amor é um sentimento e uma ação de potência transformadora social também. Ele transforma a minha vida e o mundo. Então criar uma história única, e dizer que ‘só esse jeito é amor’ é uma maneira de manter as pessoas miseráveis.” Ana Martins e Juliana Soares, psicólogas.

“O amor é o melhor remédio. Se colocar no lugar do outro é o maior dos remédios.” Dona Onete, compositora e cantora paraense, conhecida como “Rainha do Carimbó”.

“Eu vejo ética amorosa na luta dos sem terra, na busca por reforma agrária; na luta dos sem terra pelo direito à moradia nas cidades; na luta do povo negro, querendo quebrar os grilhões do racismo; na luta dos povos indígenas, querendo demarcar e proteger suas terras, sua memória e sua cultura.”

Henrique Vieira, pastor, professor, ator, escritor e poeta.



FABULAÇÕES DA RUA

AGO-SET 2021

O terceiro ciclo de atividades do programa educativo do BDMG Cultural de 2021, realizado entre agosto e setembro, tem como tema central as Fabulações da Rua. A rua é construção coletiva, espaço democrático que cabe a todo mundo.

Podcast É Cultura?: “Da arte urbana à arte pública”, com Janaína Macruz, produtora cultural

Neste episódio, a produtora cultural Janaína Macruz conta sobre como o CURA - Circuito Urbano de Arte, o maior festival de arte pública de Minas Gerais, continuou provocando importantes debates públicos através de murais, bandeiras e esculturas realizadas nas fachadas e ruas de Belo Horizonte.

Podcast É Cultura?: “As histórias que as ruas contam”, com Luiz Antonio Simas, historiador e escritor

Neste episódio, o historiador e escritor Luiz Antonio Simas nos guia pelas encruzilhadas da história onde botequins, quitandas, terreiros e rodas de samba fabulam a vida e encantam as ruas.

Podcast É Cultura?: “Música de Rua”, com Luciana Xavier, comunicadora e pesquisadora

Do samba ao funk, do soul ao hip hop, as ruas têm um papel fundamental na construção de gêneros musicais negros no Brasil. Neste episódio, a pesquisadora Luciana Xavier conta como a relação entre a rua, a música e a festa popular foi capaz de produzir estéticas que desafiam o racismo e a desigualdade social.

Texto Crítico “O Currículo da Rua”, de Gláucia Carneiro, educadora

Neste texto, a educadora nos convida a ver as ruas com seus encontros imprevisíveis em um exercício fabulatório.

Masterclass “Re-imaginar a cidade transatlântica”, com Gabriela Gaia, arquiteta urbanista e pesquisadora (UFBA)

Uma conversa sobre apostas, caminhos e especulações sobre a cidade e suas histórias a partir dos espaços. Para tanto, foram



mobilizados arquivos, pesquisas científicas, cartografias, narrativas literárias, documentos familiares, relatos e memórias que, através da matéria e da imaginação, alimentam fabulações nas quais a cidade afrodiaspórica pode ser reposicionada e reinventada.

“Seja ao recitar um poema, virar a noite em festa, fazer um grafite ou cultivar uma horta, quando disponibilizamos nossos corpos ao encontro de outros, experimentamos outras formas de fazer cidade. Um fazer muito mais pautado pelo pertencimento do que pela propriedade, que nos restaura como indivíduos e como parte da humanidade. Essas são as fabulações que os currículos das ruas são capazes de provocar.” Gláucia Carneiro, educadora.

“As festas de rua, ainda que sejam efêmeras, têm potencial de provocar rasuras nas visões hegemônicas sobre raça e gênero, promovendo outras estéticas e configurando outros territórios.” Luciana Xavier, comunicadora e pesquisadora

“O poder público quer legislar em cima da estética das pessoas, definindo se pixo é ou não é arte. Nós acreditamos que pixo é arte sim, a estética não é legislável.” Janaína Macruz, produtora cultural.

“A festa é uma reconstrução da ideia de ser coletivo.”

“Terreiro é qualquer espaço praticado na dimensão do encantamento do mundo, que pode ser o chão, a esquina, a praça, a praia, o corpo.” Luiz Antônio Simas, escritor, professor e historiador.

FABULAÇÕES DO CORPO

OUT-DEZ 21

O quarto ciclo de atividades do programa educativo do BDMG Cultural de 2021, aborda as Fabulações do Corpo, trazendo reflexões e discussões sobre o que podem nos ensinar os diferentes tipos de corporalidade que compõem um território tão diverso como o Brasil.

Masterclass “Swinguerra e outras disputas”, com os artistas Bárbara Wagner e Benjamin De Burca

Os artistas conversaram com o público sobre a realização do filme Swinguerra (2019), obra que representou o Brasil na 58ª edição da Bienal de Veneza. Swinguerra explora o universo da swingueira, uma competição anual de dança realizada em Recife desde o início dos anos 2000. Unindo repertórios coreográficos que misturam gêneros tradicionais, como o frevo e as quadrilhas de São João, o pagode baiano, o funk e a música pop, diversos grupos de dança competem, avaliados segundo critérios semelhantes aos da disputa de escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, como harmonia, evolução, alegorias e adereços. No entanto, mais do que abordar um fenômeno local, nesse filme Wagner e Burca vão do particular a uma leitura mais ampla do Brasil contemporâneo.

Podcast É Cultura?: “O Corpo Ancestral”

com Rui Moreira, bailarino, coreógrafo e investigador cultural

O corpo é feito de vísceras, pele, osso, reações químicas e descargas elétricas. Mas é também feito de memórias, vivências, histórias, palavras e gestos - aspectos que o tornam responsável pelo tempo e pelos legados da ancestralidade. Neste episódio, A conversa traz importantes reflexões sobre arte, corpo, negritude e ancestralidade no Brasil contemporâneo.

Podcast É Cultura?: com Sandra Benites, professora, pesquisadora e curadora indígena

Neste papo, Sandra compartilha a cosmovisão guarani sobre corpo, gênero e a possibilidade de construirmos pontes entre o mundo indígena e o mundo branco.



“Hoje, eu vejo que eu estou entre. Eu estou entre aldeia e cidade. Eu não sou nem da cidade, nem da aldeia. Aliás, claro que eu sou da aldeia, porque eu carrego comigo o sistema da aldeia, mas eu tive que quebrá-lo um pouco para entrar aqui [na cidade] e hoje eu vejo como se eu fosse uma ponte mesmo, entre aldeia e cidade. E isso também é um conflito, mas é uma coisa boa pra mim, pra eu poder dialogar com o outro, para eu poder compreender o outro. A questão é que quando você está entre você precisa ter cuidado para não invadir a fronteira do outro. Para mim, hoje, eu diria que fronteira não é o espaço, a fronteira é a própria diferença, é o outro.”

Sandra Benites, professora, pesquisadora e curadora indígena.

Podcast É Cultura?: com Paulo Barreto, antropólogo indígena

A última conversa é sobre corpo, saúde e cuidado com o João Paulo Barreto, idealizador e cofundador do Centro de Medicina Indígena da Amazônia.

Texto Crítico “Bordejo”, de Ricardo Aleixo, artista-pesquisador intermídia, ensaísta e editor.

O texto discute o corpo como recurso para construir outras formas sensíveis e políticas de estar presente no mundo.

“O Brasil, apesar de ser uma nação hegemonicamente negra, vivia, antes do período de globalização, um distanciamento da contemporaneidade presente nas culturas negras do planeta. É muito importante que a gente consiga fazer com que os jovens entendam a possibilidade deles não perderem a sua identidade para fazerem parte do tempo presente.” Rui Moreira, bailarino, coreógrafo e investigador cultural.

“Discutir as mudanças climáticas é discutir os conhecimentos indígenas. Não é discutir a preservação do meio ambiente. É discutir o nosso modelo de conhecimento e como ele opera para manter o equilíbrio da Terra. E por isso que eu costumo dizer que não adianta gritar que a árvore tem vida, ou que o território não pode ser desmatado se não for levar a sério os conhecimentos indígenas e seus operadores, que são justamente os especialistas indígenas que mediam toda essa relação. Eu fico triste quando essas pessoas que discutem mudanças climáticas não chamam nossos especialistas.”

Paulo Barreto, antropólogo indígena.

“Dentro do meu corpo passa, lenta, uma rua entrecortada por outras ruas que semovem todo o tempo em busca de outras possíveis ruas que porventura nasçam dentro do meu corpo como se fossem rios e não ruas. Eu não sei sempre o que é corpo. O que é um corpo. O que é meu corpo. Redigo para mim mesmo, de quando em quando, um fragmento do meu poema Gertrude Start: ‘O que é corpo? E se você sabe o que é corpo, o que não é corpo?’” Ricardo Aleixo, artista-pesquisador intermídia, ensaísta e editor.

Fabulações sem fim

O Educativo em 2021 se dispôs a fabular e a refletir em diversas frentes: o corpo, o amor, a rua e a natureza. Desse modo, areja e amplia o sentido de cultura e propõe um reconhecimento de diferentes saberes e expressões, para além do que se entende como “produção cultural”. Uma gama ampla de vozes e reflexões traz aportes tão diversos quanto complementares na direção da invenção, da inclusão e da fabulação para a invenção de novas realidades e para o desenvolvimento inclusivo, democrático e sustentável.

Portal de Conteúdos BDMG Cultural

O portal de conteúdos do BDMG Cultural agrega os conteúdos produzidos em seus programas e em produtos diversos.

REVISTA BDMG Cultural

REVISTA Nº 4 - Maio 21

No Ano 2, edição 4, a REVISTA BDMG Cultural teve como temas saberes, cultura, conhecimento e educação. Não focada na educação formal, que se faz nas escolas, mas, em diálogo com ela, foram exploradas diversas visões e formas de aprender. No texto principal, a professora Renata Marquez escreve sobre o trabalho da dançarina, coreógrafa, performer, educadora, artista da imagem e pesquisadora de danças de rua, Ana Pi. Outro texto trata da Escola Xacriabá e seus professores de cultura no norte de Minas Gerais. A revista traz ainda um diálogo com o multiartista Gil Amâncio e sua pesquisa sobre o conhecimento afrodiaspórico; as histórias do antropólogo Tião Rocha e do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, em Araçuaí, Vale do Jequitinhonha; e a experiência pedagógica dos jogos criados pelo Coletivo Às Margens.

“No ano em que o grande educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, referência em todo mundo, faria 100 anos, a REVISTA realizou uma homenagem a um Brasil que se faz grande, potente e alegre nas frestas, na cultura e no amor.”

Trecho do editorial da Revista BDMG Cultural nº 4

“Você nunca veio aqui, como é que você conhecia?” perguntam os dançarinos de Abobo, bairro periférico de Abidjan, maior cidade da Costa do Marfim, à dançarina brasileira Ana Pi. Dançando gestos familiares a ela e a eles, ela responde: ‘Porque a gente está no futuro. E no futuro, nós falamos com as nossas próprias bocas. E no futuro, a roda é ainda maior. E no futuro, há espaço para coisas que a gente nem imaginou, que nem esse momento.’” Renata Marquez, em “Estamos no Futuro com Ana Pi”, em referência ao filme-documentário NoirBLUE: deslocamentos de uma dança, realizado por Ana Pi em 2018.



REVISTA Nº 5 - Dezembro 21

Costurando mundos. Esta edição da Revista BDMG Cultural traz o tema “Costurar” em diferentes abordagens, na tentativa de contemplar algumas dimensões de uma prática cultural tão cheia de tradição e tão presente em nossos cotidianos. De projetos sociais como o Remexe Favelinha, em Belo Horizonte, ao relato de pescadores artesanais do rio São Francisco, que fabricam as próprias redes, sem nos esquecermos de celebrar os 100 anos da estilista curvelana Zuzu Angel, os textos desta edição buscam evidenciar como nossa relação com os tecidos, vestimentas e outros materiais têxteis são intimamente relacionadas – costuradas, de fato - a questões que passam por política, estética e ação social.

Acervo de artes visuais

Iniciado no final da década de 1980, o acervo artístico do BDMG Cultural abriga mais de 255 obras que nos trazem um pouco da história e das múltiplas facetas da produção artística contemporânea mineira. Formado principalmente por doações de artistas que expuseram na Galeria do instituto e em constante ampliação, conta com um eclético conjunto de linguagens e artistas em diversos momentos da carreira.

O acervo do BDMG Cultural está disponível para visualização e fruição, facilitando o acesso à pesquisa e a diferentes experiências estéticas que esta coleção está apta a oferecer.

Acervo da biblioteca

Em sua trajetória, o BDMG Cultural promoveu importantes debates, seminários e produziu publicações sobre assuntos relacionados à cultura, arte, democracia, desenvolvimento, cidades, história, entre outros.

Grande parte deste acervo, em permanente construção, está disponível para o público no site do BDMG Cultural, tornando possível o compartilhamento de conteúdo e a produção de conhecimento.

Passaram a integrar o acervo em 2021:

Mundos Indígenas

Ana Maria R. Gomes (Org.), Deborah Lima (Org.), Marina Oliveira (Org.) e Renata Marquez (Org). Catálogo da exposição que ocupou o Espaço do Conhecimento da UFMG em 2020.

A história dos povos indígenas brasileiros não é uma só. Tão grande quanto um continente, nosso país abriga populações plurais, com costumes e tradições diversas. Na exposição Mundos Indígenas, aberta pelo Espaço do Conhecimento UFMG em dezembro de 2019, curadoras e curadores indígenas de cinco povos – Yanomami, Ye'kwana, Xakriabá, Tikmu'un (Maxakali) e Pataxóop – nos convidam a conhecer seus mundos. Mundos que criam e envolvem existências humanas e outras – como plantas, animais e espíritos – com quem convivem efetivamente. Em comum, mostram respeito e amor à Terra.

A pluralidade de mundos indígenas nos mostra a possibilidade de outros englobamentos totais ou a existência de universos, no plural. Os mundos indígenas se baseiam em premissas diferentes das que adotamos para definir o que existe. Cada mundo indígena é mostrado a partir de um conceito proposto pelas curadoras e pelos curadores: nê ropê, weichö, corpo-território, yã há mĩy e o grande tempo das águas. Com os mundos indígenas, podemos aprender a coexistir, a interagir com respeito e cuidado. Aprender que existem outros mundos.

Ciclo de Mostras 2021 – Catálogos

Clarice G Lacerda, Lucimélia Romão, Jessica Lemos, Marc Davi

Catálogos das exposições que ocorreram na Galeria de Arte e na plataforma mostrasbdmgcultural.org, com obras de artistas selecionadas e selecionados para o Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021.

Seres-Rios

Como desdobramento do Seres-Rios Festival Fluvial, o BDMG Cultural produz um livro que registra as ações do evento e amplia as questões levantadas por mestras e mestres de saberes tradicionais, em diálogo com cientistas, filósofos, arquitetos e urbanistas, médicos, entre outros técnicos de áreas distintas relacionadas à questão dos rios e das dinâmicas que envolvem águas urbanas, rurais e florestais. Reunindo textos produzidos a partir dos diálogos, o trabalho de cartografia, as obras de artistas comissionadas para o Festival e também novas obras e textos comissionados para o conteúdo impresso, o livro será um material educativo que reúne, de forma inédita, questões diversas concernentes às relações entre pessoas e rios em Minas Gerais e no Brasil.

Urbe Urge

O que urge na urbe? As valiosas interlocuções promovidas durante o programa Urbe Urge alcançam novos caminhos em sua edição em formato impresso. O pensamento elaborado de Ailton Krenak, Alyne Costa, Ana Luiza Nobre, Carolina Levis, Denilson Baniwa, Ester Carro, Frederico Duarte, Gabriela Leandro (Gaia), Jerá Guarani, Paulo Tavares e Zoy Anastassakis nas imersões quinzenais com os bolsistas selecionados pelo programa estão reunidos nesse livro que reflete sobre a emergência climática a partir da confluência entre o campo da arquitetura, do urbanismo e do design, outros campos do conhecimento e saberes tradicionais e populares.

Acervo Registros

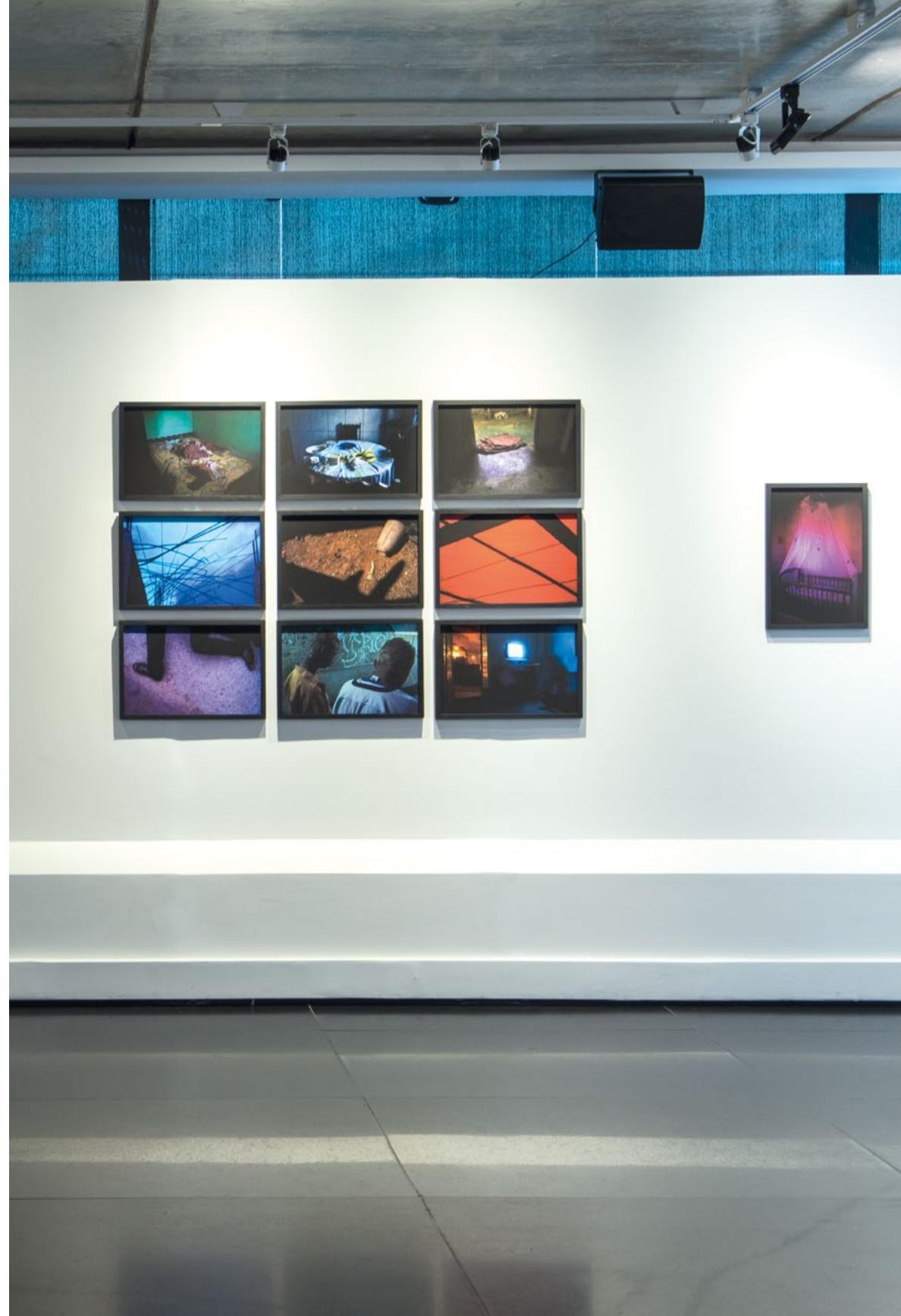
Acervo de fotos e vídeos para manutenção da memória das ações, formações e eventos produzidos pelo BDMG Cultural nas seguintes áreas de atuação: artes visuais, conhecimento e música.

Rádio BDMG Cultural

Disponível no site do BDMG Cultural e também na plataforma Spotify, a Rádio BDMG Cultural apresenta uma coleção de playlists musicais e uma série de podcasts produzidos no âmbito de seu programa educativo, para compartilhar conteúdos e obras com todos os interessados.

Coral BDMG

Desde sua fundação, o BDMG Cultural mantém o Coral BDMG, formado por funcionários do Banco e externos que se dedicam a um repertório eclético, tanto erudito quanto popular, com especial dedicação à música brasileira. O Coral é regido pelo maestro e professor Arnon Oliveira. Em 2021, o Coral realizou três gravações no primeiro semestre, com tradicionais marchinhas de Carnaval, ainda no período de maior isolamento, mas, ao final do ano, retomou gravações presenciais para apresentar-se ao público através de vídeos.





**20° PRÊMIO
BDMG
INSTRUMENTAL**

20° Prêmio BDMG Instrumental

Em 2021, o BDMG Cultural realizou o 20° Prêmio BDMG Instrumental, celebrando duas décadas de realização. A premiação é voltada para compositores, arranjadores e instrumentistas mineiros e recebeu 62 inscrições. As apresentações dos doze finalistas ocorreram no palco do Teatro Sesiminas, em Belo Horizonte, sem público, devido à pandemia da covid-19, porém com transmissão ao vivo pelo Youtube, em três momentos: a final de 24 de julho, a final de 25 de julho e a finalíssima.

A comissão de seleção para o 20° Prêmio BDMG Instrumental e para o Prêmio Marco Antônio Araújo foi formada pelo compositor e baterista André “Limão” Queiroz, pela pianista e professora Heloisa Feichas e pelo compositor e pianista Túlio Mourão.

A comissão julgadora do 20° Prêmio BDMG Instrumental foi formada por Letieres Leite, maestro, compositor, arranjador e saxofonista, que presidiu o júri; Andréa Ernest Dias, compositora, arranjadora e flautista; Carlos Calado, jornalista e crítico musical; Débora Gurgel, compositora, arranjadora, pianista e flautista; Fabiano Fonseca, jornalista do jornal O Tempo; Fernando Oliveira Viana, técnico da área de música da Gerência de Ação Cultural do Sesc SP; Hamilton de Holanda, compositor, arranjador e bandolinista; Mariana Peixoto, jornalista do jornal Estado de Minas; Paulo Henrique Silva, jornalista do jornal Hoje em Dia; e Renata Celano, programadora de música do Sesc Consolação. A deliberação do resultado do Prêmio também foi realizada totalmente de maneira remota, pela plataforma Zoom, juntamente com Elizabeth Santos, coordenadora de música do BDMG Cultural.

Como premiação, cada um dos quatro vencedores recebeu R\$ 12 mil e a realização de shows em Belo Horizonte, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), e em São Paulo, no programa Instrumental Sesc Brasil, resultado de parceria de longa data entre BDMG Cultural e Sesc SP. As apresentações presenciais nas capitais mineira e paulista ainda não têm data definida e somente serão possíveis de acordo com a evolução da pandemia.



Esta edição comemorativa premiou 4 vencedores. O melhor arranjo musical foi realizado pelo Duo Foz, que apresentou uma releitura instrumental para Drão, música de Gilberto Gil.

Vencedores do 20º Prêmio BDMG Instrumental

Duo Foz

Duo Foz é formado pela percussionista Natália Mitre e o guitarrista PC Guimarães. Estrearam como duo em 2020 no Festival Uno|Duo da Veredas Produções e gravaram o disco “Interseção dos Mundos”, produzido por Alexandre Andrés, que será lançado em 2021 pelo Selo Macieiras. Natália e PC atuam juntos em diversos grupos de BH. Foram premiados pelo Savassi Festival como “Novos Talentos do Jazz” com o grupo Jazzcorde-on e Quarteto Dois a Dois. Integram o quinteto Semreceita, que lançou disco em 2017. Também foram finalistas do 17º Prêmio BDMG Instrumental e realizaram uma turnê em Portugal, em 2019.

Felipe Continentino

Natural de Belo Horizonte, Felipe Continentino é baterista e compositor formado em Música Popular pela UFMG. Lançou seu primeiro disco solo em 2012, fazendo shows de lançamento em várias cidades do Brasil e Argentina. Felipe ganhou o Prêmio Jovem Instrumentista BDMG 2010 e representou a UFMG em São Paulo, tocando no encontro Internacional de Jazz 2011 (International Association of Schools of Jazz) liderado pelo renomado saxofonista David Liebman. Em 2014, ganhou o Prêmio de Melhor Músico Acompanhante do BDMG Instrumental. E posteriormente o prêmio de Melhor Instrumentista do Prêmio BDMG Instrumental em abril de 2017 e novamente em maio de 2019.

Felipe José

Felipe José é músico multi-instrumentista, compositor, professor, pesquisador e ativista cultural. Iniciou-se musicalmente aos 10 anos de idade, tocando em bandas do interior de Minas Gerais. Aos 15 anos, se fixou em São João del Rei, estudando (e posteriormente lecionando) no Conservatório Estadual de Música Pe. José Maria Xavier. É graduado em Composição e Mestre em Processos Analíticos e Criativos pela

Universidade Federal de Minas Gerais. Foi membro do Grupo Ramo e da Itiberê Orquestra Família, atuando também como monitor das oficinas de Itiberê Zwarg. Participou de diversos grupos e gravou em inúmeros discos da efervescente cena musical de Belo Horizonte/MG. Seu primeiro disco, CIRCULAR MVSICA, de 2013, foi lançado em MG, SP, Espanha e Portugal. Felipe José já trabalhou e colaborou com importantes nomes da música brasileira recente e atualmente é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Pedro Gomes

Natural de Belo Horizonte, Pedro Gomes é baixista, arranjador e produtor musical. Em 2010, iniciou seus estudos com André Siqueira. Em 2011, passou pelo CEFAR da Fundação Clóvis Salgado. Hoje é bacharel em Música Popular (baixo elétrico) pela UFMG. Em 2013, foi vencedor do concurso Jovem Instrumentista BDMG. Em 2015, foi vencedor do Novos Talentos do Jazz, com o grupo Jazzcorde-on e, em 2019, foi semifinalista do 19º Prêmio BDMG Instrumental. Hoje é membro do Trivial Trio, que lançou em 2018, o CD Instrumental contendo 10 músicas autorais, sendo cinco composições suas.

Entre 27 de outubro e 08 de dezembro de 2021, o BDMG Cultural apresentou uma série de quatro shows com os músicos vencedores da edição de 20 anos do tradicional Prêmio BDMG Instrumental e convidados (as):

27 de outubro | 20h - Duo Foz convida Daniel Santiago

10 de novembro | 20h - Pedro Gomes convida Toninho Ferragutti

24 de novembro | 20h - Felipe Continentino convida Josué Lopez

08 de dezembro | 20h - Felipe José convida Joana Queiroz

“O Prêmio BDMG Instrumental vem alavancando a música de Minas Gerais há mais de duas décadas, transformando de forma significativa a cena musical deste segmento. Traz enorme motivação e mobilização aos participantes que se esforcem para mostrar da melhor forma sua música.” André “Limão” Queiroz, baterista.





“Vencer o Prêmio e ter reconhecido o melhor arranjo impulsionou de forma determinante minha carreira (e do Duo Foz) neste ano pela difusão do nosso trabalho através do público que o prêmio mobiliza no fim de semana do concurso, bem como no show realizado no CCBB; pelos destaques de imprensa escrita sobre o prêmio e o show, bem como sobre a exibição do show que acontecerá na Rede Minas; pela ponte que esperamos com o Sesc Instrumental de SP e pelo contato que tivemos com os membros da comissão avaliadora e com os demais participantes do prêmio.”

Natália Mitre, percussionista, uma das ganhadoras do 20º Prêmio BDMG Instrumental

“Só gratidão por tudo o que o BDMG tem feito por nós em Minas Gerais. Estaríamos em uma situação muito diferente, menos pessoas, um meio criador menos efervescente. O número da atualidade impressiona, a quantidade de pessoas que fazem música em um nível muito alto. E eu ponho isso na conta do BDMG, nosso meio é muito forte, por estar fazendo projetos tão importantes há tantos anos, incentivando tanta gente há tantos anos, mostrando que a nossa música é necessária, dando vazão. Isso incentiva e faz a ficha cair mais rápido, faz a gente começar antes, acreditar e ir mais longe. Agradeço e desejo vida longa ao BDMG Cultural e que possa incentivar muito mais pessoas ao longo dos próximos anos.” Lucas Telles, compositor e violonista, vencedor das edições de 2013 e 2019 do Prêmio BDMG Instrumental, tendo participado dos projetos Jovem Músico e Jovem Instrumentista, também promovidos pelo BDMG Cultural.

Presença e despedida

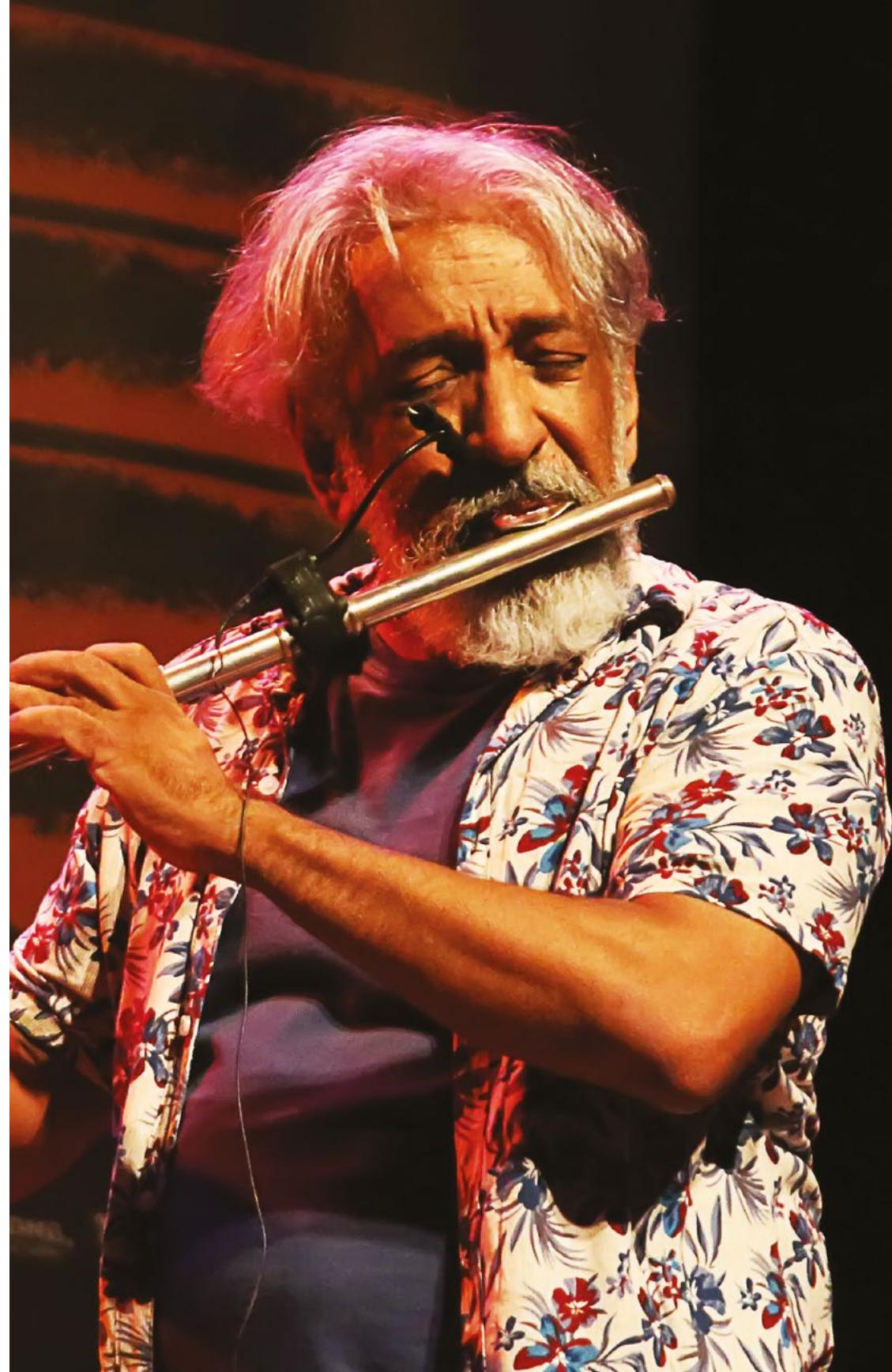
Em 27 de outubro de 2021, o maestro e músico Letieres Leite faleceu por insuficiência respiratória em decorrência da Covid-19. Fundador da Orkestra Rumpilezz, o educador, compositor, arranjador e instrumentista baiano deixou um legado imenso do universo percussivo e da música afro-baiana.

Letieres foi um artista importante na história do Prêmio BDMG Instrumental. Esteve presente em diversas ações do BDMG Cultural, participando como músico convidado em shows, palestras e bate-papos, além de ter sido o presidente do júri da premiação comemorativa de 20 anos.

Prêmio Marco Antônio Araújo 2021

A premiação ocorre desde 2013 e tem como objetivo reconhecer os trabalhos de música instrumental e independente de Minas Gerais. Além do trabalho reconhecido, o vencedor recebe o valor R\$10 mil e se apresenta na final do 20º Prêmio BDMG Instrumental.

Nesta edição, a premiação elege o álbum Hangout, do arranjador, compositor e pianista Deangelo Silva. Lançado em 2020, Hangout é o segundo trabalho instrumental de Deangelo Silva e traz músicas que dialogam com a música instrumental contemporânea, jazz, rock e música eletrônica. O álbum foi gravado com os músicos Antonio Loureiro, na bateria, Felipe Vilas Boas, nas guitarras, e



Frederico Heliodoro, no contrabaixo. A capa do trabalho foi assinada por Roger Matos.

Deangelo Silva apresentou um pocket show com o repertório de Hangout, na noite da finalíssima do 20º Prêmio BDMG Instrumental, que ocorreu dia 25 de julho de 2021.

O 20º Prêmio BDMG Instrumental e o Prêmio Marco Antônio Araújo são realizados pelo BDMG Cultural, com apoio do Ministério do Turismo, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, com patrocínio do BDMG - Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.

Deangelo Silva é natural de São Gonçalo do Rio Abaixo. O músico vive em Belo Horizonte e já apresentou e produziu diversos espetáculos e álbuns no Brasil, outros países da América Latina e Europa ao lado de artistas como Toninho Horta, Amilton Godoy, Juarez Moreira, Esdras “Neném”, Cléber Alves, Chico Amaral, Dani Gurgel e Gerais Big Band (UFMG). Seu primeiro álbum autoral, Down River, foi lançado em 2018. Em 2017, o pianista conquistou o Prêmio BDMG Instrumental e foi eleito como instrumentista do ano, além de conquistar o título de melhor arranjo da edição.

“Creio que estamos diante de um dos maiores talentos do nosso tempo, Deangelo tem todos os requisitos necessários para se tornar um dos maiores pianistas do mundo.” Amilton Godoy, músico e parceiro musical

“Estou muito feliz com o Prêmio Marco Antônio Araújo. Eu tenho muito apreço por todas as premiações do BDMG Cultural. Foi através do prêmio instrumental que eu comecei minha carreira autoral.” Deangelo Silva, pianista, compositor e arranjador

Prêmio Flávio Henrique 2021

Criado em 2018, o Prêmio Flávio Henrique dedica-se a reconhecer a produção e a pesquisa em torno da canção feita em Minas Gerais. A premiação homenageia o artista mineiro Flávio Henrique (1968 - 2018), no intuito de preservar a sua inquietação artística e a sua dedicação à música.

Em 2021, foi eleito o álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, da cantora e compositora mineira Déa Trancoso, como melhor trabalho de canção autoral. Lançado em janeiro de 2020, o trabalho foi produzido por Déa Trancoso com a colaboração de artistas de diversas áreas - música, poesia e artes. Dentre as participações nas 28 faixas do álbum, estão os nomes de Egberto

Gismonti, Marcela Nunes, Marcelo Veronez, Mônica Salmaso, Ná Ozzetti e Titane.

A comissão de seleção para o Prêmio Flávio Henrique 2021 foi formada pela cantora e compositora Ceumar, pela cantora Fabiana Cozza e pelo jornalista e crítico musical Lauro Lisboa Garcia.

“Escolher um nome, um ‘vencedor’, não significou para nós romper uma linha de chegada, colocar ponto final na sentença. Mas, representar, pelas lentes e pela obra de Déa Trancoso, uma direção humana e verdadeira, a mesma escolhida por cada um dos sujeitos participantes dessa edição. Escolhemos um álbum que pudesse ser barca e fundamento da poesia feita no Brasil. Escolhemos todos a arte como escudo, escuta e afetos. A arte como ar que salva os pulmões, as mentes, refazendo células e séculos de nós.” Ceumar, Fabiana Cozza e Lauro Lisboa Garcia, equipe de seleção da premiação.

“A sensação mais premente em ganhar o Prêmio Flávio Henrique é uma honra, que vai subindo e, quando chega no meu coração, espalha de volta pro corpo todo. A honra de ligar meu nome mais definitivamente ao nome do Flávio.” Déa Trancoso, cantora e compositora

Déa Trancoso é natural de Almenara, no Vale do Jequitinhonha (MG). A cantora, compositora e pesquisadora possui cinco álbuns gravados: O Violeiro e a Cantora (com Chico Lobo), Tum Tum Tum, Serendipity, Flor do Jequi (com Paulo Bellinati) e Líricas Breves para a Construção de uma Alma. Foi indicada duas vezes ao Prêmio da Música Brasileira (2007 e 2013) e já foi gravada por Ná Ozzetti, Mônica Salmaso, Gonzaga Leal, Isabel Nogueira e Caro Ladeira. É parceira de Chico César, Ceumar, Badi Assad, Sérgio Santos e Regina Machado. Em 2019, ao lado de Cátia de França e Ceumar, circulou o Brasil com o concerto acústico e autoral Líricas Transcendentes, pelo projeto Sonora Brasil (Sesc). É Mestre em Estudos Rurais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e Doutoranda em Educação pela Unicamp. Em 2021, prepara seu sexto trabalho, intitulado Volátil, que faz parte de seu projeto de doutorado, articulando ciência, arte e magia.

Prêmio Jovem Instrumentista 2021

O programa Jovem Instrumentista BDMG foi criado há 19 anos para fomentar e contribuir para a formação de jovens instrumentistas mineiros ou residentes em Minas Gerais, ampliando as suas possibilidades de aprendizagem e interlocução artística com músicos mais

experientes. Para participar do programa, o candidato ou candidata deve ter idade até 25 anos.

Em 2021, foi realizado, pelo segundo ano consecutivo, de maneira virtual. Foram selecionados 10 jovens instrumentistas com bolsa de tutoria de 30 horas/aula com instrumentistas escolhidos pelos candidatos e candidatas.

Selecionados:

Caroline Ramalho – Contrabaixo

Carlos Fernandes – Vibrafone

Daniel Toledo – Violão de 7 Cordas

Hiago Fernandes – Contrabaixo

Igara Silva – Piano

João Viana – Guitarra

Lucas Godoy – Bateria

Lucca Noacco – Guitarra

Marco de Paula – Guitarra

Pedro Kfuri – Contrabaixo

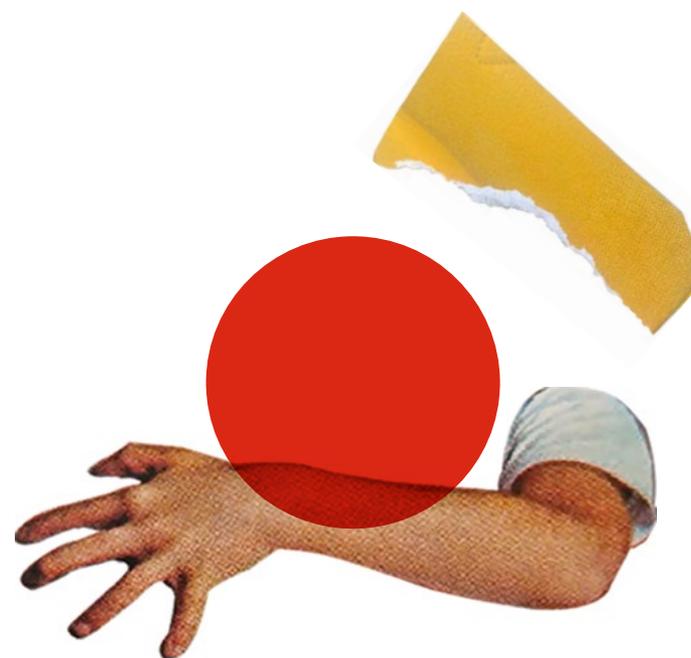
A seleção foi feita por comissão composta pelas musicistas Hellem Pimentel, Marcela Nunes e pelo músico Marco Scarassati.

“O programa Jovem Instrumentista revigora a música mineira com novos instrumentistas e tem como objetivo primordial aprimorar a técnica da performance de jovens músicos.” Beth Santos, coordenadora de música do BDMG Cultural.

“Este é o segundo ano em que fazemos o programa transformando suas atividades em acompanhamentos online. Tem sido um desafio e também é muito importante para a continuidade do Jovem Instrumentista e para que aqueles que estão se formando possam usar este momento tão singular pelo qual estamos passando para se aprimorarem e criarem novas interações artísticas. Além disso, o acompanhamento à distância permite que mais jovens de todas as regiões do estado possam acessar a possibilidade de tutoria.” Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural.



“Foi incrível escutar a potência transformadora em cada uma das gravações e perceber uma geração de músicos muito talentosa. Principalmente naquelas em que o desafio da criação tornou transparente o modo de se estar no mundo. E foi igualmente tocante escutar algumas das justificativas de escolha dos repertórios, recortes de vidas atravessadas pela pandemia. (...) O BDMG Cultural há muitos anos é casa que acolhe, apoia e potencializa a música produzida em Minas.” Hellem Pimentel, Marcela Nunes e Marco Scarassati, Comissão Julgadora do Jovem Instrumentista 2021.



**ciclo
de muestras
bdmg cultural
2021**

Ciclo de Mostras BDMG Cultural

Ciclo 2020/2021

“A memória parada acerta três vezes ao dia”, de Esther az

A mostra foi inaugurada no dia 24 de fevereiro de 2021 em formato híbrido, presencialmente (na Galeria de Arte, em horário reduzido, com número de visitantes restritos) e online. Com curadoria da pesquisadora e professora Juliana Gontijo, a mostra apresenta trabalhos em linguagens diversas – pintura, desenho, objetos, bordados, vídeos e intervenções urbanas – e convida a mergulharmos em nós mesmos, como seres coletivos e tecedores de história e memória.

A inspiração para a exposição surgiu durante uma viagem que Esther az fez à Bahia e do desejo de vasculhar a sua própria história. “A mostra pode ser sintetizada como uma tentativa de criar uma ponte entre o álbum de família e os livros de histórias”, relata a artista.

Esther az é artista visual e ilustradora. Natural de Contagem, é formada em Artes Visuais, integrou o coletivo Casa Camelo e, das mostras que participou, destacam-se a exposição Má (Espaço Cultural Sesiminas) e a Residência Entre Nós (OÁ Galeria). A mostra “A memória parada acerta três vezes ao dia”, que ficou em cartaz na Galeria de Arte do BDMG Cultural, foi a segunda exposição individual da artista.

“Em Nome das Rosas”, de Eugênia França

Apresentando cerca de 150 obras pintadas sobre lona de caminhão que retratam a violência contra a mulher, a mostra ficou em cartaz entre 13 de maio e 13 de junho de 2021.

O título da exposição aponta para a dimensão contraditória de várias histórias que não se resumem à dor e são, muitas vezes, histórias de amor, de superação, de empoderamento. As obras são pintadas em técnica acrílica sobre lonas de caminhão e mostram, em um segundo plano, as marcas do longo uso do tecido, muitas vezes remendados, que são como as cicatrizes que marcam as experiências de cada uma das mulheres retratadas.

Foi a segunda vez que a mostra pode ser conferida virtualmente pelo público. Entre abril e julho de 2020, a série de obras de Eugênia França foi apresentada em parceria do BDMG Cultural com o BDMG Plural - programa com o objetivo de atuar, construir, implementar e gerenciar ações que visem estimular práticas e ações de valorização da diversidade e equidade no âmbito do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG, junto aos dados de aumento exponencial de violência contra a mulher durante o período de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

“Quando damos visibilidade, denunciemos, discutimos e trazemos esse tema para outros campos como o da cultura, por exemplo, estamos dizendo que essa é uma questão que diz respeito a todos nós. Comungamos a ideia de que esse não é um problema de uma política pública específica, mas de todas as políticas, de todos os campos e de toda a sociedade.” Eugênia França, artista plástica

Nascida em Patos de Minas (MG), Eugênia França é graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard - UEMG e Serviço Social pela PUC MG. Teve exposições individuais em espaços como o MAM Resende - RJ (2019), MAB - Museu de Arte de Blumenau, SC (2018), MARCO - Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS (2017) e Pinacoteca de Maceió - AL (2017). Além de mostras coletivas em Brasília (2019), Toronto (2017) e Belo Horizonte (2013). Fez residência artística na Arts Unfold em Toronto, Canadá (2017). É autora do livro “Nós Outros e Eu Mesma: Transformar o barro em cerâmica expressiva para refletir sobre as relações huma-nas na sociedade contemporânea” (2016).

Ciclo 2021/2022

O edital de concorrência pública Ciclo de Mostras BDMG Cultural busca estimular a produção das artes visuais contemporâneas em Minas Gerais, com o objetivo de dar apoio e incentivo para artistas com carreira em desenvolvimento. Em 2021, o edital selecionou quatro projetos de ocupação da Galeria de Arte do BDMG Cultural e viabilizou, para cada exposição, a produção de catálogos e reembolso financeiro de R\$ 5 mil, além da montagem e divulgação durante o período de ocupação da galeria.

Publicado em novembro de 2020, o edital Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021 contabilizou 114 inscrições de projetos de artistas de Minas Gerais ou residentes no estado há mais de dois anos. A comissão de seleção foi formada pela gestora e educadora em museus, curadora e pesquisadora nos campos da arte, educação e cultura Janaína Melo; pela artista visual e pesquisadora Juliana Gontijo; e pela artista plástica, designer, cantora e letrista Leonora Weissmann.

“Dos que ardem”, de Marc Davi

De 16 de setembro a 15 de outubro, a exposição ocupou a Galeria de Arte e a plataforma virtual mostrasbdmgcultural.org. O artista apresentou uma série de trabalhos performáticos com gestos que discursam sobre corpo, matéria e linguagens. Ao todo, foram quatro performances/ instalações apresentadas no BDMG Cultural. Glory Hole; Da sensação de elasticidade quando se marcha sobre cadáveres; Ensaio para um corpo; e Camisa Social.

Marc Davi é formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard (UEMG) e Medicina pela Faculdade de Medicina da UFMG. Pós graduado em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela UEMG. Estudou canto lírico com Marilene Gangana, Neyde Ziviane e Sérgio Anders, e canto popular na Babaya Casa de Canto. Atualmente, desenvolve sua pesquisa no Estúdio Minotauro e em seu ateliê. Seus trabalhos propõem a in(corpo)ração dos discursos como estratégia de atravessamento diante da falência das linguagens e da ameaça de aniquilamento das subjetividades. Suas performances partem do engajamento corporal como possibilidade última de reinvenção dos sistemas de domínio. Suas esculturas e instalações apontam para o esvaziamento do sistema da arte e para a proliferação de novas mídias. Idealizador e diretor da plataforma Glory Hole. Artista indicado ao prêmio PIPA de Arte Contemporânea 2020. Vive e trabalha em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.



“Longo Prazo”, de Clarice G Lacerda

De 30 de junho a 27 de julho de 2021, o BDMG Cultural realizou a exposição “Longo Prazo”, na plataforma virtual **mostrasbdmg cultural.org/clariceglacerda**. A mostra foi composta por 23 obras em diferentes técnicas: desenhos, recortes e colagens, objetos encontrados e objetos manipulados, fotografias, vídeo, instalação, frotagens e cadernos de artista editados como livros.

Longo Prazo é um exercício de montagem. Surge a partir de um extenso ciclo de pesquisa e de profunda introspecção no ateliê, em uma mistura muito forte da produção com a vida, com a rotina, com o cotidiano. A produção atende a diferentes temporalidades, entre a lentidão e o instantâneo, como metodologias de um processo criativo atento ao movimento. A proposta de Longo Prazo, como o próprio nome indica, é trabalhar as percepções e marcas da passagem do tempo: no corpo e na matéria.

“Estamos pautados pelo imediatismo. Reagimos mais do que observamos. A exposição é, também, um convite à reflexão, que nos situa em relação aos tempos dos mundos.” Clarice G Lacerda, artista visual.

Clarice G Lacerda iniciou os estudos em Artes Visuais em 1999, quando frequentou o ateliê da artista plástica Mônica Sartori. Concluiu o bacharelado em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG em 2012, onde atuou como professora substituta na habilitação em Artes Gráficas em 2019. É artista pesquisadora do escotoma – grupo de estudos das imagens-passagens (EBA/UFMG), que fundou e coordena em parceria com o Prof. Rodrigo Borges desde 2018. Participou de propostas artísticas diversas como o perfura – ateliê de performance (Galeria GTO do Sesc Palladium, 2107), LAPI – Laboratório Aberto em Palavra e Imagem (Galeria do BDMG Cultural, 2017), Ateliê Midiológico (Teatro Espanca!, 2015) e Kaza Vazia (Belo Horizonte e Ouro Preto, 2006 – 2008); além de mostras e exposições coletivas como a Mostra Residências Artísticas – Atelier Aberto (Centro Cultural UFMG, 2019), SUSPENSA/SUSPENSOS (Galeria da COPASA, 2009), MIP2 – Segunda Manifestação Internacional de Performance (Espaço 104, 2009) e Projeto Território (Museu Mineiro, 2007). Sua trajetória contempla ainda diversos projetos em artes gráficas e editoriais desenvolvidos em parcerias com artistas como Cinthia Marcelle, Mabe Bethônico, Marcelino Peixoto e Luis Arnaldo, Pablo Lobato, Paula Huven, Camila Otto e André Hauck, Janaina Rodrigues e Hortência Abreu.

“E eu não sou uma mulher?”, de Lucimélia Simões e Jessica Lemos

A mostra ocorreu na Galeria de Arte BDMG entre 05 de agosto e 05 de setembro de 2021 e também virtualmente no **mostrasbdmg cultural.org/lucimeliaejessica**. A dupla apresentou uma série de fotomontagens e instalações, pautando temas e questões caras às mulheres negras, como colorismo e impactos do racismo e de diversas opressões.

A frase que intitula a exposição como um todo, “E eu não sou uma mulher?”, é originalmente da abolicionista afro-americana Sojourner Truth, ativista dos direitos das mulheres que viveu entre 1797 e 1883, nos Estados Unidos. A pergunta emblemática é parte de um discurso proferido em 1851, em uma convenção feminista em Ohio, chamando atenção para as reivindicações específicas de mulheres negras e racializadas, muito distintas das questões de mulheres brancas, sobretudo de classe média.

“O apoio do BDMG Cultural foi o que deu forma ao projeto que eu e Lucimélia vínhamos desenvolvendo. Já tínhamos os trabalhos em parceria que dialogavam entre si, mas a gente só transformou isso em uma exposição a partir do apoio do BDMG, desse projeto. O apoio foi essencial pra gente pensar um formato harmônico e coerente para essa exposição e futuramente continuar circulando com ela a partir do que foi feito ali. Foi um primeiro grande passo.” Jessica Lemos, fotógrafa, performer e artista visual.

Jéssica Lemos é natural de Cândido Sales, sertão da Bahia. É fotógrafa, performer e artista visual. Mestre em Artes pela Universidade Federal de São João Del Rei e graduada em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, desenvolve pesquisas e trabalhos autorais a partir das relações entre performance e fotografia. Em 2019, realizou a exposição individual Olhares da Diáspora – Uma Ocupação Fotográfica, utilizando a técnica de lambe-lambe em grande formato para intervenção urbana com suas fotografias, na cidade de São João del-Rei-MG. No mesmo ano foi selecionada para a Residência Artística do Fórum de Fotoperformance, em Belo Horizonte-MG, primeira residência artística no Brasil que reúne artistas especificamente da área de fotoperformance. Foi artista premiada no X Salão de Fotografias do Mar (2016), em Salvador-BA. Em 2016, produziu e lançou seu livro de artista Mocamba, uma narrativa sobre a potência do feminino em quilombos



“Houve dois momentos que me marcaram da iniciativa apoiada pelo BDMG Cultural. O primeiro foi ver a exposição em pé. Enviamos ela ainda em projeto, apenas no papel e quando vi as obras prontas, as instalações montadas e o catálogo em mãos foi muito emocionante. Depois disso, também fiquei muito tocada ao saber que as funcionárias da limpeza que não tinham o hábito de frequentar as exposições foram visitar, pois se reconheciam ali.”

Lucimélia Romão, artista visual e performer.

da Bahia. Seu trabalho fala principalmente sobre as relações políticas e sociais na vida de mulheres negras a partir da afrodiáspora.

Lucimélia Romão é artista visual e performer. Natural de Jacareí, interior de São Paulo. Atriz, formada em 2013 no curso técnico em Artes Dramáticas pela Escola Municipal de Artes Maestro Fêgo Camargo em Taubaté/SP. Graduanda em Teatro pela Universidade Federal de São João del-Rei/MG, onde pesquisa artes e performances negras. É cocriadora do grupo de teatro Cia Mineira de Teatro. Criadora da performance MIL LITROS DE PRETO: A MARÉ ESTÁ CHEIA. Premiada no FESTU-Rio de Janeiro/RJ (Mostra competitiva de cenas curtas) em 2018 com o trabalho Olha o Pesado Ai; Premiada na 9ª Edição da Mostra 3M DE ARTE – São Paulo/SP; Premiada no 3º Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte/MG. Ao longo de sua trajetória artística, busca desenvolver trabalhos que repensem o lugar do negro na sociedade pontuando as diversas formas de extermínio que o Estado Brasileiro Democrático de Direito vem direcionando ao povo afrodiáspórico desde o Brasil Colônia.

“Sangue de Bairro”, de Affonso Uchôa e Desali

De 18 de novembro de 2021 a 23 de janeiro de 2022, a exposição “Sangue de Bairro” ocupa a Galeria de Arte BDMG e a plataforma virtual mostrasbdmgocultural.org. As fotografias revelam o olhar dos artistas para o bairro Nacional, território periférico onde moram, na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte.

A mostra “Sangue de Bairro” é composta por uma série de 60 fotografias, um vídeo e uma instalação sonora que trazem momentos de intimidade e retratos do cotidiano do bairro, assim como instantes de euforia, êxtase da vida diária e o convívio com a violência. A série fotográfica foi idealizada entre 2007 e 2008 e surgiu do desejo dos artistas de criarem um trabalho criativo pela linguagem da fotografia, interesse em comum de Affonso Uchôa e Desali.

“O trabalho da série representa mesmo o nosso encontro, a nossa amizade, o nosso compartilhamento de experiências no bairro Nacional e, sobretudo, a atividade criativa na periferia, algo fundamental para nossa trajetória e para o nosso trabalho.” Affonso Uchôa, cineasta e fotógrafo





Affonso Uchôa é cineasta e fotógrafo. É diretor dos filmes *Mulher à tarde* (2010), *A vizinhança do tigre* (2014) e *Sete anos em maio* (2019), e também codiretor do filme *Arábia* (2017). Seus filmes foram exibidos em diversos festivais ao redor do mundo, como os festivais de Roterdã (Holanda), Viennale (Áustria), Festival de Toronto (Canadá), Festival de Brasília (Brasil), Mostra de Tiradentes (Brasil) e Festival de Mar del Plata (Argentina), além de importantes instituições como a Cinemateca Francesa (França), Arsenal (Alemanha) e o Anthology Film Archive (EUA). Em fotografia desenvolveu, junto ao artista visual Desali, os trabalhos *Izidora*, presente (Galeria Mari’Stella Tristão – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2016) e “Sangue de bairro” (BDMG Cultural, Belo Horizonte, 2021).

Desali é formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard (UEMG). Participou das exposições: “Enciclopédia Negra” na Pinacoteca de São Paulo; exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”, no Instituto Moreira Salles; “Sertão; Panorama 36, no MAM; Bolsa Pampulha, no MAP; e 32ª edição do Salão Arte Pará. Já fez parte de residências, exposições, coletivos e particulares no Brasil e no exterior e possui obras adquiridas pelo Centro Cultural São Paulo (CCSP), no acervo “Arte da Cidade”, no acervo do Museu de Arte da Pampulha (MAP) e no acervo da Pinacoteca de São Paulo. Criador do Coletivo Piolho Nababo, há dez anos em Belo Horizonte, viaja por múltiplas linguagens, incluindo grafite, fotografia, vídeo e intervenção urbana, promovendo o contato entre a margem e o centro, questionando as instituições artísticas tradicionais e seu colonialismo, contaminando esses espaços com as ruas.

Edital Ciclo 2022

As inscrições para o Ciclo 2022 foram abertas em novembro para artistas mineiros, estrangeiros ou de outros estados, desde que comprovada a residência em Minas Gerais, com proposta de exposição individual ou coletiva nas modalidades: arte digital, cerâmica, desenho, escultura, fotografia, instalação, performance e pintura.

7º Prêmio BDMG Cultural / FCS de Estímulo Curta-Metragem de Baixo Orçamento

Entre 22 de julho de 2021 e 9 de setembro de 2021, foram abertas as inscrições para o prêmio. O edital dá continuidade à parceria entre o Cine Humberto Mauro e o BDMG Cultural, unidos pelo fomento à cadeia produtiva do setor audiovisual mineiro. Criado em 2013, o prêmio é uma parceria entre a FCS - Fundação Clóvis Salgado e o BDMG Cultural, que visa incentivar a produção audiovisual em Minas Gerais ao oferecer aos realizadores a possibilidade de desenvolver novas propostas estéticas e conceituais que utilizem ferramentas tecnológicas de baixo custo e fácil acesso para sua produção.

Esta edição propôs aos realizadores o desafio de pensar um Cinema de Invenção, conforme o conceito estabelecido pelo cineasta Jairo Ferreira (1945 – 2003). O marco do Cinema de Invenção é o pensamento voltado à produção experimental, e, no contexto do prêmio, surge como um estímulo aos processos criativos cujas propostas estéticas e conceituais utilizem meios de produção de baixo custo, popularizados com o acesso à tecnologia digital. A temática foi livre e foi exigido que os proponentes tenham realizado os curtas-metragens respeitando as condições de isolamento social. Os candidatos inscreveram curtas-metragens inéditos e finalizados, com uma estrutura mais simplificada de produção – as filmagens poderiam ser feitas, inclusive, por aparelhos celulares, com duração máxima de 10 minutos.

20 curtas-metragens foram premiados com o valor de R\$ 6 mil cada. Os filmes premiados foram exibidos em plataformas online e em mostras gratuitas e presenciais no Cine Humberto Mauro. Outras exposições presenciais serão realizadas tão logo as instruções para o enfrentamento da Covid-19 determinarem os protocolos sanitários para a realização segura de tal atividade.

Filmes selecionados:

Ácaros, de Samuel de O Marotta (Belo Horizonte)

Anésia, de Rubia Bernardes Nascimento (Uberlândia)

Armarinho Aracy, de Camila Matos Fontenele (Belo Horizonte)

As Novas Aventuras de Dona Nirvana, de Maria Eduarda Martins

Gambogi Alvarenga (Belo Horizonte)

APP, de Aisha B. de Oliveira Teobaldo (Belo Horizonte)

Betha Ville, de Maria Clara de Almeida Costa (Januária)

Boa Sorte Até Breve, de B. S. Correa Ltda (Juiz de Fora)

Controle de Tráfego, de Jackson F. Teixeira Produções (Belo Horizonte)

Contra Monumento Cena #1, de Arthur Medrado Soares Araujo (Belo Horizonte)

Decifra, de Leitmotiv Filmes (Belo Horizonte)

Fi Di Quem?, de Karla Vaniely Rodrigues Nunes (Januária)

Imagens da Margem, de Massuelen Cristina Xavier Aguiar (Sabará)

Maloca, de Jackson Faeda da Silva (Ribeirão das Neves)

Não há ninguém perto de você, de Ventura Produções Audiovisuais Ltda (Belo Horizonte)

Ouroboros, de Pedro Vasseur Torres Belisário (Belo Horizonte)

Procura-se Indianara, de Mayra Santos Costa (Viçosa)

Ramal, de Ponta De Anzol Producoes Ltda (Sabará)

Sinal Vermelho, de Jhon Hebert Cardoso Da Silva (São João del-Rey)

Um vídeo poema sobre mar, de Fabiano Teixeira Lana (Belo Horizonte)

Úrsula, Christiane Cerqueira Martins (Belo Horizonte)

Menção Honrosa:

Anáfora, de Casa Colorida Filmes (Montes Claros)

Lívido, de Luis Otavio Mendonca de Oliveira (Belo Horizonte)

Arquivo Ambulante, de Eder San Junior Cinematografica e Arte Ltda (Belo Horizonte)

Perspectiva, de Luane Eufrazio Gomes (Januária)

Sumo, de Mariana Teixeira de Paula (Belo Horizonte)

Tinha tempo que não via o mar, de Almanaque Filmes Ltda (Belo Horizonte)

A Quarentena é um Sonho?, de Gangorra Filmes Producoes Audiovisuais LTDA (Belo Horizonte)

Fortaleza, de Sabotage Filmes Ltda (Belo Horizonte)

Quem Passa Somos Nós, de Marlon Bruno Vitor De Paula (Belo Horizonte)

Ancestrais, de Cleria Figueiredo Costa (Timóteo)

“O edital de apoio a curtas-metragens de baixo orçamento chega a sua 7ª edição e reafirma o compromisso do BDMG Cultural e da FCS em estimular a produção audiovisual de Minas Gerais. Atravessamos uma pandemia que faz com que o setor cultural se reinvente a todo instante; e isso também impacta os modos de produção e os processos artísticos de filmes.” Gabriela Moulin, diretora-presidente do BDMG Cultural

“A continuidade deste edital é fundamental para o estímulo à cadeia produtiva do audiovisual em Minas Gerais. Buscamos estimular a diversidade, a experimentação e a liberdade na linguagem cinematográfica. Os debates em torno do Cinema de Invenção, já tão estimulados pela programação do Cine Humberto Mauro, se tornam ainda mais potentes por meio do prêmio, que une a expertise de duas grandes instituições mineiras.” Eliane Parreiras, presidente da Fundação Clóvis Salgado.

Projetos patrocinados

ARCA: nossa história através de trançados e instrumentos de percussão

ARCA Associação dos Artesãos de Santa Cruz de Chapada do Norte - Chapada do Norte

Os objetivos do projeto são: contribuir para a perpetuação e a valorização da cultura de Chapada do Norte a partir do fortalecimento do fazer artesanal; divulgar a riqueza da cultura de Chapada do Norte e do Vale do Jequitinhonha para todo o Brasil, contribuindo para a construção de uma narrativa positiva sobre a região que se sobreponha ao (pré) conceito de pobreza e de miséria; aumentar o impacto do artesanato como alternativa de geração de renda para as famílias de artesãos e, assim, contribuir para o combate ao êxodo rural; e contribuir para o fortalecimento feminino na região a partir da valorização da cultura e da identidade local.

Mulheres da Ponte: conectando saberes da Terra e do Céu

Tingui - Jenipapo de Minas

O objetivo do projeto é contribuir para a perpetuação e a valorização da cultura de Alto Vale do Jequitinhonha a partir do fortalecimento do fazer artesanal, além de aumentar o impacto do artesanato como alternativa de geração de renda para as mulheres artesãs e contribuir para o fortalecimento feminino na região, a partir da valorização da cultura e da identidade local.

1ª Residência Literária Virtual Flipoços Camões

GSC Eventos Especiais Ltda - Poços de Caldas

A 1ª Residência Literária Virtual Flipoços Camões 2021 começou no dia 21 de julho de 2022 e teve duração de 20 dias. Os temas abordados foram desde a história da cidade e o celeiro de escritores, passando



pela importância das águas termais no âmbito social, político e literário, até a pandemia da gripe espanhola retratada no livro “A morte silenciosa – A Gripe Espanhola em Poços de Caldas – 1918”, do escritor local Dr. Luis Roberto Judice. Escritores convidados – Joel Neto e Matilde Campilho - desenvolveram textos inéditos que foram veiculados em parceria com veículos de comunicação e revistas literárias de expressão no Brasil e em Portugal.

5º Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte

Denilson Alves Tourinho - Belo Horizonte

5ª edição do Prêmio LMM homenageando a memorável personalidade belo-horizontina, Lélia Gonzalez, com o tema “Pretuguês”. O prêmio reconhece e celebra produções de artes cênicas negras de Belo Horizonte, sua região metropolitana e de todo Brasil por meio da categoria Ancestralidade (homenagem | personalidade | revelação).

Encontro de comunidades quilombolas itinerante, IV edição: valorização da identidade, amostra cultural

Associação dos Agricultores e Familiares Quilombolas de Alegre - Januária

O objetivo do encontro é fortalecer a identidade, dando visibilidade às manifestações culturais presentes nas comunidades quilombolas.

INDETERMINAÇÕES - Práticas Críticas do Pensamento Negro (1ª etapa) - online

Gabriel Araújo - Belo Horizonte

O projeto promoveu 4 mesas virtuais públicas e desenvolveu o site INDETERMINAÇÕES com cerca de 12 textos escritos por críticos negros brasileiros, a fim de contribuir com a permanência e o aumento de pessoas negras no campo da crítica cinematográfica e de criar memórias historiográficas sobre o cenário do audiovisual negro brasileiro.

Programa Sebrae Aceleração Criativa - SACRI - online

SEBRAE-MG - Belo Horizonte

O Programa SACRI – SEBRAE ACELERAÇÃO CRIATIVA é um Laboratório de Inovação Social Intersectorial, para gerar novas soluções e negócios para o desenvolvimento empreendedor focado em trabalhar a economia criativa e a inovação, com as empresas participantes, visando justamente incentivar o comportamento empreendedor e fomentar novos negócios sustentáveis. O programa de aceleração apoiará e premiará empreendedores de negócios criativos, para que cresçam e ampliem seu negócio de uma forma financeiramente viável.

Catálogo “Igreja das Santas Pretas”

MUQUIFU - Museu dos Quilombos e Favelas - Belo Horizonte

Por meio do catálogo, o objetivo é difundir e salvaguardar as histórias das 14 mulheres negras e moradoras da favela que estão retratadas no Afresco da Capela Maria Estrela da Manhã, situada na Vila Estrela, bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte.

Cartilha digital Patrimônios de Catas Altas

Lucca - Catas Altas

O objetivo do projeto é gerar compreensão sobre a história, riquezas culturais, riquezas naturais, patrimônio material e imaterial da cidade de Catas Altas, permitindo a estudantes e aos cidadãos perceber melhor a complexidade de sua realidade e qualificar-se para o futuro. O projeto chama a atenção para a valorização do patrimônio e para a importância de se compatibilizar o crescimento econômico com a preservação do patrimônio cultural e do meio ambiente, considerando que a vocação de Catas Altas para o turismo está aliada à riqueza natural e à diversidade de seu patrimônio cultural.

Meu Cinema, Nosso Território

Simone Veloso de Figueiredo Soares - Região norte e noroeste de Minas Gerais,

foco no município de Arinos

O objetivo é realizar residência artística e reunir até 20 realizadores audiovisuais do norte e noroeste de MG para uma imersão em território de aprendizagem virtual compartilhado, fomentando a produção e exibição audiovisual no norte e noroeste de MG. Serão produzidos até 20 curtas-metragens com até 1 minuto de duração e uma mostra online com debates e partilha de processos.

Comunicação e Identidade: raízes para voar

Carambola Filmes - Jenipapo de Minas

O objetivo do projeto é fortalecer jovens das comunidades rurais a partir da valorização da cultura e da identidade local. Isso se dá com capacitação para que possam ser protagonistas nas redes sociais na construção de uma narrativa positiva sobre o Vale do Jequitinhonha que venha combater a imagem externa; e que possam também vivenciar a diversidade cultural, acessando e se identificando com outras manifestações culturais publicadas nas redes, sem abrir mão de seus valores e saberes.

Clube Literário Tamboril

Espaço de Memória Tamboril - Pirapora e Buritizeiro

O objetivo do projeto é integrar um espaço de memória na Biblioteca Comunitária Clube Literário Tamboril de Pirapora/MG.

O livro das Ocupações

Cará Produções - Belo Horizonte, região do Barreiro

O projeto vai contribuir para a construção da memória visual de moradores que residem em ocupações urbanas da região do Barreiro, em Belo Horizonte, e registrar as alternativas encontradas por eles para se adequarem à realidade social local, instigando o pensamento sobre os diversos aspectos de territorialidades da cidade e a difícil situação de



vulnerabilidade em que se encontram os moradores e moradoras que residem nas ocupações urbanas, abrindo um diálogo sobre as origens destas e sobre necessidades de reflexão sobre esse paradigma social.

1ª Mostra de Cinema de Araçuaí

Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD / Cinema Meninos de Araçuaí - Araçuaí

O objetivo da 1ª mostra de Cinema da cidade de Araçuaí, que fica no Vale do Jequitinhonha, é conectar núcleos de produção audiovisual do interior de Minas Gerais a partir de uma Mostra de trabalhos e metodologias.

13ª Edição da Revista Mucury

Associação Mucury Cultural - Teófilo Otoni

A 13ª edição da Revista Mucury irá contribuir para o fortalecimento dos povos originários e tradicionais.

Festival Artes Vertentes – Festival Internacional de Artes de Tiradentes

Ars et Vita - Tiradentes

A décima edição do Festival Artes Vertentes irá incentivar a criação e a difusão da arte e da cultura no estado de Minas Gerais, proporcionando ao público espetáculos de alto nível em todas as vertentes artísticas.

Laboratório - Cultura Digital e Tecnologias das Artes Populares

Ramayan Sol Arte Cultura e Educação - Artistas e interessados residentes em MG.

A intenção central do Laboratório é popularizar e desmistificar a produção artística com recursos digitais e as interfaces entre arte-mídia. Através da prática de experimentação entre linguagens, pretende-se refletir sobre as relações entre as materialidades dos meios visuais e sonoros e a expressão estética, a cultura e as distinções sociais dos meios, o acesso e a fruição nos territórios periféricos e interioranos.

forumdoc.bh

O Festival do Filme Documentário e Etnográfico - forumdoc.bh chegou a 2021 na sua 25ª edição consecutiva, com uma programação concisa e em formato híbrido, com exibições e debates online aliados a projeções presenciais no Cine Humberto Mauro e Galeria Mari' Stella Tristão do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e sem as mostras contemporâneas que marcaram sua trajetória (uma mudança específica para este ano).

Revista RODA: Arte e cultura do Atlântico Negro, nº 7

Editada por Ricardo Aleixo, a publicação promove a visibilidade da produção artística em diversas linguagens, pensamentos e iniciativas de população negra.

19ª Festa Literária Internacional de Paraty – Flip

Em 2021, a Festa Literária Internacional de Paraty contou com o patrocínio do BDMG Cultural para a Mesa de discussão “Sonho da terra, terra do sonho: aldeia-escola-floresta”, com a participação de Isael Maxakali, Sueli Maxakali, Rosângela de Tugny, Alexandre Nordari e mediação de Roberto Romero. A mesa faz parte da programação da Flip+.

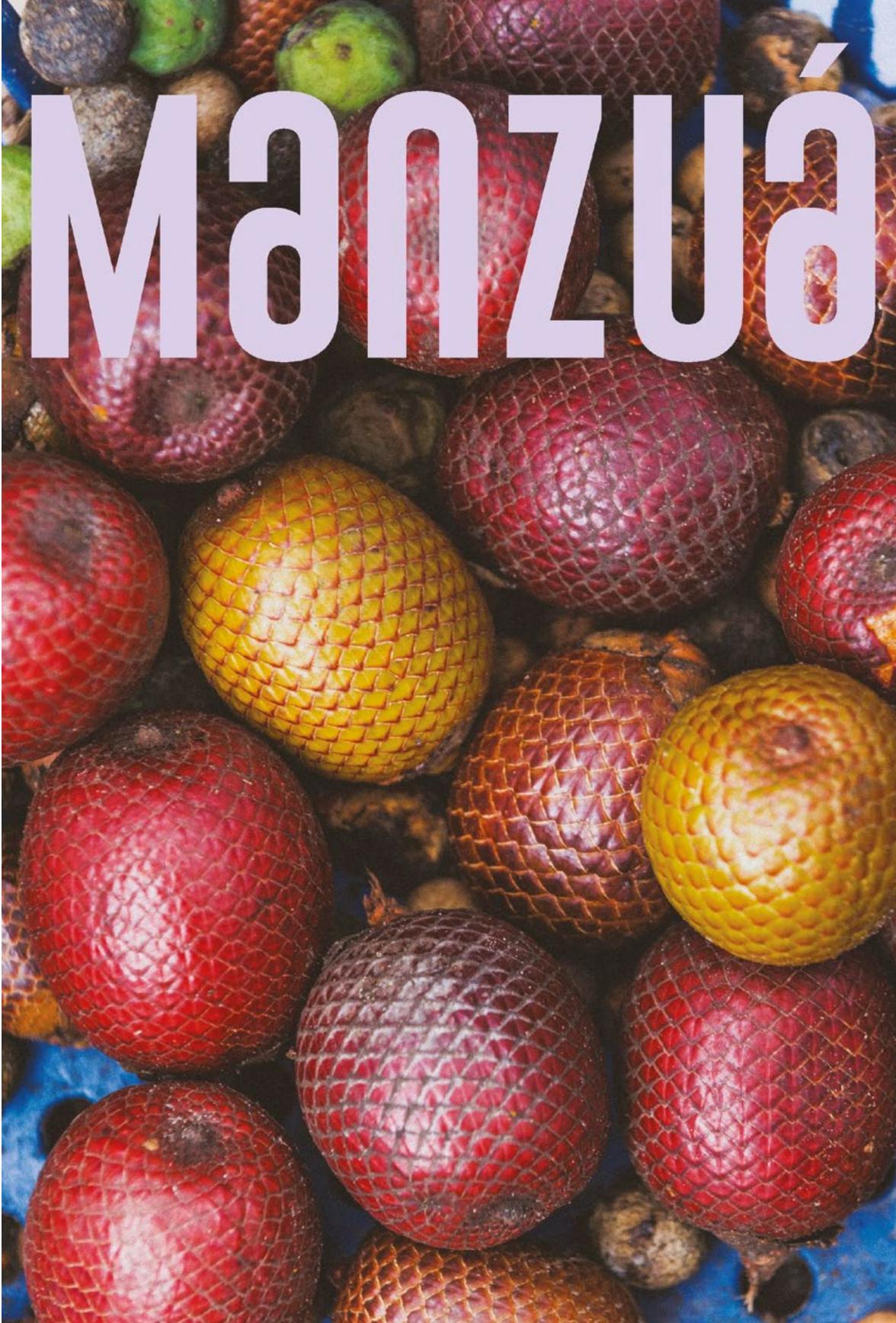
Revista Manzuá - Edição 4

A Manzuá nasceu do desejo de abrir novos espaços de diálogo, aprendizado e afeto entre as pessoas, para além dos povos que habitam e formam o território do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, compreendendo a natureza não como recurso, mas como relacionamento vivo e sistêmico.

Revista Piseagrama - Edição 15 - Comunidades

PISEAGRAMA é uma plataforma editorial dedicada aos espaços públicos – existentes, urgentes e imaginários – e, além da revista semestral e sem fins lucrativos, realiza ações em torno de questões de interesse público como debates, microexperimentos urbanísticos, oficinas, campanhas e publicação de livros.

Manzuá





Impulso e conexão entre iniciativas e territórios

O conjunto dos projetos patrocinados pelo BDMG Cultural em 2020 e 2021 reafirmam a intenção de aproximar saberes e pessoas diversas e múltiplas, alcançar territórios e fomentar a cultura no estado de Minas Gerais, com especial atenção para o interior do estado, para a cultura contemporânea e para ações formativas. O edital de chamadas de projetos em 2021 funcionou como instrumento de curadoria nesse sentido, a partir de critérios que orientaram as proposições à cultura e expressões artísticas em todo o estado, mas também acomodaram possibilidade de abrangência e diversidades cultural, artística, de gênero, de raça, territorial, de linguagem, de acesso e também de resultados. Os projetos patrocinados foram estimulados à prática da construção conjunta e de redes, à conexão com compromissos universais de desenvolvimento sustentável, como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos pela ONU, e à sementeira para continuidades.

“A curadoria do BDMG tem sido muito fina, muito pensada, muito apropriada, muito contemporânea. Então, ter o selo do BDMG Cultural nos projetos é muito importante hoje.” Júnia Torres, antropóloga, curadora do Seres-Rios, proponente do projeto forumdoc.bh, patrocinado pelo BDMG Cultural em 2020

“Com o BDMG Cultural, ganhamos um parceiro bacana, inteligente, sensível, que faz coisas lindas, temos afinidade, pois ele pensa a comunidade como um todo, de forma integrada, com afinidade em relação aos grupos produtivos. E sinto que para o BDMG Cultural foi a mesma coisa: ficam admirados com nosso trabalho, a forma como desenvolvemos nossas ações, um trabalho que tem continuidade. Pensamos em gerar sustentabilidade para os grupos, construir junto com as mulheres, ligados a essa autonomia.” Viviane Fortes, da Tingui, proponente do projeto “Mulheres da Ponte: conectando saberes da Terra e do Céu”



Onde essas águas vão desaguar?

“Cada lugar da aldeia é uma escola. A floresta é uma escola. O rio é uma escola para nós.” Isael Maxakali, professor, artista e cineasta, sobre Aldeia-Escola-Floresta.

No dia 5 de dezembro de 2021, aconteceu, com apoio do BDMG Cultural, a mesa de discussão “Sonho da terra, terra do sonho: aldeia-escola-floresta”, na 19ª Festa Literária Internacional de Paraty – Flip, que teve a participação de Isael Maxakali, Sueli Maxakali, Cassiano Maxacali, Rosângela de Tugny, Alexandre Nodari, com mediação de Roberto Romero.

Nhe’ery (pronuncia-se nheeri), que é como o povo Guarani chama a Mata Atlântica, uma denominação que revela a pluriversalidade da floresta, foi o tema da Festa Literária mais importante do Brasil. Acontecida em formato híbrido em virtude da pandemia, a Flip “coloca-se como uma das plataformas possíveis de lançamento imaginativo neste momento”, assim como o BDMG Cultural tem se proposto a ser.

A mesa não foi apenas um apoio do BDMG a um evento importante, mas sobretudo uma conexão e confluência com outras iniciativas culturais nacionais e internacionais. Uma aposta de mudança, de escuta, de construção de um jeito de viver que seja possível ainda neste nosso mundo. A visão dos maxacali e de outros povos indígenas, ouvidos ali na Flip, para além da denúncia da inconcebível violação dos direitos indígenas que acontece hoje no Brasil, assim como a diversidade de narrativas, literárias ou não, trazem um aporte aos caminhos de saída para as crises da contemporaneidade, “furam a bolha”, questionam a insustentabilidade das relações que mantêm hoje nossa sociedade e que produzem desigualdade e injustiça.

A mesa tratou da iniciativa “aldeia-escola-floresta” que toma corpo hoje em terras do Vale do Mucuri, no nordeste de Minas Gerais. A aldeia-escola-floresta é um espaço de troca de saberes, reflorestamento, recuperação de nascentes e fortalecimento do complexo musical, ritual e cosmológico conhecido como yãmíyoxp. Na conversa que teve espaço na Flip, essa experiência de resistência foi relatada: o retorno cheio de luta de 100 famílias maxacali à uma terra da qual foram expulsos

no passado, para “voltar para mata e fazer a mata voltar”, segundo o cacique Babau Tupinambá - citado por Rosângela de Tugny - e ainda constituir um espaço de vida e aprendizagem.

Neste mesmo sentido, o projeto “Construir Floresta, Plantar Cidade” está desenhado para, no coração de um bairro nobre de Belo Horizonte (Lourdes, onde fica a sede do BDMG), implementar um projeto e um sonho que o BDMG Cultural entende que deve realizar, como forma de chegar a seu propósito: “provocar aprendizados mútuos entre a cultura e a natureza, a técnica e o pensamento, a oralidade e a escrita, a roça e o elevador”, já mencionado no início deste relatório. O projeto impõe a pergunta, reforçada por Ailton Krenak (em diálogo com os participantes do Urbe Urge): as cidades são túmulos da floresta?

O processo histórico de ocupação do território brasileiro resultou em uma grande destruição da Mata Atlântica, e hoje o desmatamento e a urbanização extensiva geram mudanças dos regimes de chuva, crise hídrica, aumento das temperaturas globais e emissão de CO2 contribuindo para a situação de emergência climática planetária. Assim como a cidade, a floresta tropical é também um produto da ação humana. Construir floresta e plantar cidade não deveriam ser, portanto, formas rivais de habitar o planeta, o Brasil ou Belo Horizonte, erigida sobre território florestal.

O “Construir Floresta, Plantar Cidade”, planejado para ocupar um antigo estacionamento na esquina da rua Espírito Santo com Bernardo Guimarães, quer dar materialidade e espacialidade à Política de Responsabilidade Socioambiental (PRSA) do BDMG, alinhando a intervenção aos programas BDMG Fotovoltaico, BDMG Sustentabilidade, Calculadora de CO2, em consonância com a Agenda 2030, com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e com os princípios da economia regenerativa e da arquitetura restaurativa. Projeta metamorfosear um estacionamento estéril em uma ecologia viva, uma infraestrutura de baixo carbono, formativa, permeável, pública, biodiversa, exuberante e criativa. Será um espaço público, acessível, que promove novas sociabilidades e relações com a natureza pós-pandemia e a compreensão da própria cidade como um ecossistema.

O projeto deseja reflorestar o imaginário coletivo como política de desenvolvimento e como ação biocultural abrangente para o enfrentamento da emergência climática e para novas perspectivas de futuro, em Minas Gerais, a partir de Minas Gerais.

Aqui e ali, para além de todos os programas e projetos relatados nesta publicação, o BDMG Cultural traz sua contribuição de forma mais incisiva à construção de uma reflexão sobre a contemporaneidade, mas também sobre a implementação de um jeito de viver que seja possível neste nosso mundo, atravessando crises e propondo caminhos conjuntos.

Enquanto a mesa da Flip era preparada e esse relatório era organizado, inúmeros shows, publicações, podcasts, apresentações, vídeos, textos, maquetes e trabalhos eram realizados, a um ponto que foi difícil (mas prazeroso) finalizá-lo. Quando se aprende e se vivencia que processo é resultado, fica difícil imaginar fins. Uma profusão de iniciativas apoiadas, a partir de alianças afetivas e, no mesmo sentido, de inventar um mundo novo, e fazer valer, no meio de tanta descrença e de tanto desafio, o papel da arte, o lugar da cultura e a conexão homem-natureza.

Quando uma instituição como o BDMG Cultural se dispõe e se expõe a essa tarefa, fomenta capacidades de pessoas, grupos e organizações a se estruturarem, resistirem, serem resilientes, se desdobram, de modo que não se sabe ao certo o que vai surgir. E isso é bom. Os rios, quando nascem, não sabem exatamente seus caminhos, mas sabem que vão em direção ao mar.

Impossível não registrar o quanto essas iniciativas se enredaram, se enredam, se transformaram, se transformam em outras, seguirão no tempo. Impossível não registrar a necessidade de continuidade de programas criados e da lógica de fazer confluir visões, promover diálogos e encontros, promover autoralidade e potências, como forma de o BDMG e seu braço cultural seguirem sendo instituições fortes na promoção de um desenvolvimento sustentável em Minas Gerais.

“Nós gostamos muito do rio! Quando as mães ganham seus filhos e eles crescem um pouco, eles só querem saber de água e banho! As crianças cantam e imitam os bichos no rio. Imitam peixes, jacarés. Cantam os cantos dos jacarés, dos peixes e das peregrinas. O rio é uma escola pra nós. A mata também é nossa escola. Por isso gostamos tanto de água. Pois é ela que nos fortalece! Quando bebemos água, ficamos vivos. É bom beber água limpa.”
Trecho do texto “KÕNÃG KOX ME MÕG: SEGUIR O CAMINHO DO RIO A saga de um povo em busca de água e terra” de Isael Maxakali e Sueli Maxakali, elaborado durante o Seres-Rios: Festival Fluvial e publicado na Edição 181 da Revista Piauí, em Outubro de 2021.



Ficha técnica

DEPOIMENTOS DE

Alyne Costa
Adriano Maximiano
Aline Motta
Ângela Guerra Monteiro
Camila Castro
Davi de Jesus do Nascimento
Eduardo Moreira (Adi)
Felipe Carnevalli
Frederico Duarte
Gabriela Leandro Pereira (Gaia)
Gisseila Andrea Ferreira
Garcia
João Eduardo Faria Neto
Jéssica Lemos
Joyce Athiê
Júnia Torres
Júlia Medeiros
Lucas Telles
Lucimélia Romão
Maria Isabel de Camargos
Maria Lígia Dutra
Natália Mitre
Rebecca Cássia de Andrade
Renata Marquez
Ricardo Aleixo
Roberto Romero
Samantha Moreira
Thiago Barbosa de Campos (Tito)
Valquiria Rabelo
Viviane Fortes
Washington da Selva
Wellington Cançado
Zoy Anastassakis

BDMG CULTURAL

DIRETORIA

Gabriela Moulin Mendonça

Diretora-presidente

Larissa D'arc

Diretora Financeira

EQUIPE

Elizabeth José dos Santos

Música

Érico Grossi

Artes Visuais

Francisco Roberto Rocha de Carvalho

Projetos e patrocínios

Paula Lobato

Acervos

Leita Gregório

Coral BDMG

Maria Aparecida

Pereira P. e Silva

Administrativo

Paulo Francisco Proença

Comunicação

Rafael Amato

Design Gráfico

Jéssica Wrarne

Estagiária do Jurídico

Lucas Zanatta

Estagiário de Arquitetura

Teresa Cristina

Antônio Moraes de Paiva

Estagiários de Comunicação

RELATÓRIO 2021

Ana Letícia Silva

Luciana Aguiar

(Recontar)

Sistematização de Conteúdo

Bianca Magela Melo

Revisão

Rafael Amato

Projeto gráfico

Este relatório é composto pelas tipografias Neue Haas Unica e Plantin. A diagramação foi finalizada em dezembro de 2021.



Ana Letícia Silva. Economista com mestrado em Planejamento e Gestão do Território pela UFABC, atuou por 2 anos no Programa Municípios Saudáveis da OPAS, como coordenadora de políticas públicas no Instituto Ethos por 8 anos, como gerente de articulação no GIFE por 3 anos e como diretora de projetos na Agenda Pública por quase 2 anos. Além de trabalhar diretamente com o desenvolvimento de redes, alianças e parcerias nessas organizações, participou ativamente de seus desenhos e processos de desenvolvimento institucional. É facilitadora desde 2007, formada pela H+K Desenvolvimento Humano e Institucional.



Luciana Aguiar. Administradora, especializada em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, com experiência em gestão de projetos socioculturais e de responsabilidade social empresarial e desenvolvimento local. Trabalha desde 2001 no desenvolvimento de projetos socioeducacionais e desenvolvimento sustentável em organizações não governamentais, sendo as mais recentes o Instituto Ethos (2005-2012) e Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (desde 2012). Atua especialmente nas áreas de gestão, comunicação e na sistematização de saberes e resultados de projetos.

Equipe BDMG Cultural



Gabriela Moulin. É diretora-presidente do BDMG Cultural e mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Jornalista de formação e pós-graduada em Relações Públicas pela USP, atua há mais de 20 anos na confluência entre educação, cultura e desenvolvimento territorial, junto a investidores sociais privados e públicos e na intersecção com políticas públicas. Acredita e trabalha por um mundo em que a convivência entre as diferenças, entre os saberes e entre as pessoas seja nosso maior propósito.



Larissa D'arc. Formada em artes visuais e restauro, é restauradora no coração e produtora cultural na atuação profissional atual. Há mais de 10 anos vem trabalhando e desenvolvendo projetos culturais e de preservação de patrimônio em SP e em MG. Atualmente também desempenha o cargo de diretora financeira no BDMG Cultural.



Elizabeth Santos. Integra desde 1999, a equipe técnica do BDMG Cultural com expertise em produção cultural e gestão de projetos. Atua como coordenadora de música da instituição responsável pelos programas e projetos da área. Suas atividades visam promover uma maior compreensão da estrutura dorsal da cadeia produtiva da música, procurando identificar as possibilidades de desenvolvimento econômico, social e cultural, a partir de iniciativas que possam agir ativamente no setor.



Francisco Roberto Rocha de Carvalho é administrador de empresas, dileitante da matemática e das artes. Viveu feliz com a matemática, porém hoje vive feliz pelas artes. No BDMG, trabalhou com micro e pequenas empresas, microcrédito, marketing e ouvidoria. Chegou ao BDMG Cultural há pouco tempo, e na instituição encontrou a realização em seu sentido pleno. Foi essencial na formação do programa BDMG Pró-Equidade, atualmente BDMG Plural.



Érico Grossi. Formado em ciências econômicas pela UFMG com mestrado em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Lecionou entre 2001 e 2010 disciplinas ligadas à economia brasileira, economia criativa e à economia do setor público. Foi gestor de políticas públicas da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, membro da câmara de seleção do Fundo Estadual de Cultura e atualmente coordena as áreas de artes visuais e artes cênicas do BDMG Cultural.



Paula Lobato. Arquiteta, designer e editora, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, onde também se graduou. Pesquisadora de publicações, exposições, arquivos e acervos, integra a equipe do BDMG Cultural desde julho de 2021 como coordenadora de acervos. Seu trabalho passa pelo cuidado com nossos livros e acervos e editoração de conteúdos.



Paulo Proença. É jornalista e radialista. Atua na área cultural há 13 anos. Já atuou como apresentador, programador musical e produtor das emissoras públicas Rádio Inconfidência (MG) e Frei Caneca (PE). Participou como curador de editais públicos e de projetos musicais. Atualmente, é assessor de comunicação do BDMG Cultural.



Rafael Amato. Designer gráfico graduado pela UFMG e mestrando em Teoria e História do Design na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Integra a equipe BDMG Cultural desde 2019 e, anteriormente, atuou no estúdio Hardy Design (2018 – 2019). É responsável pela unidade visual e produção gráfica do BDMG Cultural. Cria as identidades dos projetos, catálogos e materiais expográficos atuando em parceria com a diretoria e coordenações.



Cida Paulino. Formada em Pedagogia pela PUC MG, mas sempre atuou na área administrativa / financeira. Trabalha no BDMG Cultural desde a primeira diretoria da Instituição e atua como assistente da Diretoria Financeira.



Lucas Zanatta. É estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMG e técnico em edificações. Atuou como estagiário no BDMG Cultural acompanhando projetos culturais que buscaram imaginar possibilidades de futuros outros diante das urgências do nosso tempo, refletindo sobre novos modos de fazer e pensar a arquitetura, o urbanismo e o design em aliança com as artes, os saberes tradicionais e outros campos disciplinares.



Jéssica Warne. Graduanda em Direito pela Dom Helder Câmara. Foi estagiária do Tribunal de Justiça e da Defensoria Pública de Minas Gerais. Atualmente é estagiária jurídica do BDMG Cultural. É coordenadora social de Projeto de Vida para juventudes em Betim, amante da natureza e das pequenas coisas da vida.



Antônio de Paiva. Tem 22 anos e é estudante de jornalismo pela UFMG. Nascido em São Paulo, veio para Belo Horizonte há 3 anos e é apaixonado pela efervescência cultural da cidade. É estagiário de comunicação do BDMG Cultural, atuando na produção de textos para as redes sociais e para o site da instituição, além de outras tarefas.

Lista de imagens

Capa: Ensaio fotográfico “Travessia” de Kika Antunes para a revista Manzuá Nº 4.

Página 1: Desenho de Sueli Maxakali durante oficina da Aldeia-Escola-Floresta.

Página 6: Gabriela Moulin. Foto: Bruna Brandão

Página 11: Sérgio Gusmão. Foto: Marcus Desimoni/Nitro/Divulgação

Página 12: Júlia Medeiros. Foto: Revista Socio Espectacular

Página 15: Gabriela Gaia. Foto: Divulgação

Página 16: Renata Marquez. Foto: Divulgação

Página 19: Ricardo Aleixo. Foto: Autorretrato

Página 23: Still da Série Ponte sobre Abismos, de Aline Motta

Página 32: Maria Isabel Camargo. Foto: Divulgação

Página 34: João Eduardo de Faria Neto. Foto: Rodrigo Valente

Página 37: Camila Castro. Foto: Divulgação

Página 39: Maria Lígia da Costa Reis. Foto: Leo Lara

Página 41: Ação do programa educativo. Foto: Micrópolis

Página 42: Tecelãs de Tocoíós. Foto: Gabriela Moulin

Páginas 44 e 45: Seres-Rios Festival Fluvial. Identidade visual e design: Rafael Amato

Página 46: Equipe BDMG Cultural. Foto: Bruna Brandão

Páginas 48 e 49: Obra Lacuna, de Nydia Negromonte, para Seres-Rios

Página 51: Ailton Krenak. Foto: Divulgação

Página 52: Marisol de la Cadena. Foto: Divulgação

Página 56 e 57: Obra Singra, de Davi de Jesus do Nascimento, para Seres-Rios. Foto: Caio Esgario

Página 59: Obra K – SOMOS RIOS, de Edgar Kanaykõ Xakriabá, para Seres-Rios

Página 60: Ana Pi para Seres-Rios

Página 62: Obra Orelhinha, de Sara Lana, para Seres-Rios

Página 64 e 65: Urbe Urge. Identidade visual e design: Rafael Amato

Página 71: Eduardo Moreira. Foto: Autorretrato

Página 74: Urbe Urge. Coletivo Tecnologias Ancestrais. Foto: Maysa Matias

Página 76 e 77: LAB Cultural 2021. Identidade visual e design: Rafael Amato

Página 81 e 83: Artistas do LAB Cultural 2021. Fotos: Divulgação

Página 85: LAB Cultural. Processo artístico: AYAS, de Clara López Iglesias

Página 86: Adriano Maximiano. Foto Divulgação

Página 93: LAB Cultural. Processo artístico: pavio longo, de Chris Tigra

Página 94 e 95: Temporada Fabulações do Programa Educativo. Identidade visual e design: Rafael Amato

Página 99: Dicionários de seres imaginários. Desenho: Núria Manresa

Página 101: Dona Liça Pataxoop. Foto: Divulgação

Página 102: Arte de Liça Pataxoop

Página 105: Letícia Letrux. Foto: Ana Alexandrino

Página 107: Still de Swuinguerra e outras disputas, de Barbara Wagner e Benjamin de Burca

Página 110: Sandra Benites. Foto: Divulgação

Página 115: Still de Noir Blue, de Ana Pi

Página 119: Mostra Sangue de Bairro, de Affonso Uchoa e Desali. Foto: Miguel Aun

Página 120 e 121: 20º Prêmio BDMG Instrumental. Identidade Visual: Colé - Laboratório Coletivo de Design

Página 123: Felipe Continentino. Foto: Bruna Brandão

Página 126 e 127: Duo Foz. Foto: Bruna Brandão

Página 128: Natália Mitre. Foto: Lucca Mezzacappa

Página 131: Letieres Leite no 19º Prêmio BDMG Instrumental. Foto: Élcio Paraíso/Bendita

Página 135: Jovem Instrumentista 2021. Colagens: Teresa Cristina

Página 136 e 137: Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021. Identidade Visual: Rafael Amato

Página 141: Clarice G Lacerda. Foto: Miguel Aun

Página 144: Lucimélia Romão. Foto: Priscila Natany

Página 147: Série Sangue de Bairro, de Affonso Uchôa e Desali

Página 148: Affonso Uchôa e Desali. Foto: Miguel Aun

Página 154: Tecelãs de Tocoíós. Foto: Gabriela Moulin

Página 158: Divulgação forum-doc.bh: Aceita?, série fotográfica realizada desde 2014 pelo artista visual Moisés Patrício

Página 161: Capa da revista Manzuá 4. Foto: Kika Antunes

Página 162: Gabriela Moulin em visita à Arca na Chapada do Norte. Foto: Divulgação

Página: 164, 168 e 169: Croqui do projeto Plantar cidade, construir floresta

Página 171: Ana Letícia Silva e Luciana Aguiar (Recontar). Fotos: Divulgação

Página 172 e 173: Equipe BDMG Cultural. Fotos: Bruna Brandão



BDMG,
CULTURAL



BDMG



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.